

**III FESTIVAL ENGLISH OF THE COUNTRIES WHERE
ENGLISH IS THE OFFICIAL OF THE OTHER COUNTRIES
INFLUENCED BY ENGLISH**

**(III FESTIVAL DAS NAÇÕES OFICIAIS E INFLUENCIADAS
PELA LÍNGUA INGLESA)**

AFRICAN ENGLISH: CULTURE, FASHION, LANGUAGE AND ART

(INGLÊS AFRICANO: CULTURA, MODA, LÍNGUA E ARTE)

ÁREA TEMÁTICA: CULTURA

RESPONSÁVEL PELO TRABALHO: Jackson Santos vitória de Almeida

INSTITUIÇÃO: UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA (UNEB)

NOME DO AUTOR: Jackson Santos Vitória de Almeida

RESUMO

É notório que a cultura africana sempre foi alvo de críticas abusivas, deixando de lado suas diversidades culturais e variabilidade lingüística. Diante desta realidade restaram mediante proposta de interdisciplinaridade e implementação da lei 10639/03, que se tornou obrigatório nas escolas estaduais o ensino da História da África e dos afro-descendentes. Nesse sentido, o objetivo geral do trabalho consiste em construir junto com os estudantes do ensino fundamental e Educação de Jovens e Adultos (EJA), o conhecimento acerca da cultura inglês-africana, nas disciplinas de inglês e arte do turno matutino e noturno do Colégio Estadual Santa Bernadete, município de Amargosa/BA. Sendo assim, desenvolve-se os seguintes objetivos específicos: Compreender a percepção da própria cultura por meio da compreensão das culturas dos países que tem o inglês como língua oficial; Estimular a capacidade de ouvir, discutir, falar, escrever, descobrir, interpretar situações, pensar de forma criativa e fazer suposições por meio da utilização da língua inglesa africana; Articular com os temas transversais a possibilidade de se usar a aprendizagem da língua inglesa como espaço para se compreender, na escola, as várias maneiras de se viver a experiência humana; Realizar um maior envolvimento dos alunos com esta língua, através das mais diversas formas culturais existentes no mundo sendo política, sociais, econômicas, religiosas, artísticas e étnicas. Dessa forma, os estereótipos ainda presentes nas escolas públicas, dificultam mudanças mais eficazes nos programas de ensino. A partir disso, o trabalho buscou promover discussões através de pesquisas sobre países africanos como Gana, África do sul, Nigéria e Camarões.

Palavras-chave: cultura, idioma, identidade.

As Fronteiras da Extensão

INTRODUÇÃO

É necessário que venhamos propor novas formas de aprendizado, evidenciando através do lúdico a participação e novas interpretações sobre esta cultura de maneira criativa e dinâmica, fazendo com que haja maior envolvimento dos alunos na leitura de pesquisas sobre estes países. Segundo os PCNs (1998) é necessário que se ative o conhecimento prévio dos alunos em relação ao conhecimento do mundo: e explorar o título, subtítulos, figuras, gráficos, desenhos, autor e fonte.

Fazendo isso obteremos o reconhecimento dos mesmos de que o aprendizado de uma Língua Estrangeira facilita o acesso a outras culturas. De acordo com os PCNs (1998) a natureza sócio interacional da linguagem pode ser verbal ou visual, pois quem a usa considera aquele a quem a se dirige. Todo encontro interacional é marcado pelo mundo social que o envolve isso quer dizer que os eventos interacionais não ocorrem em um vácuo social. A participação do corpo docente viabilizará um maior contato desta cultura fazendo com que a comunidade escolar perceba a importância destas pesquisas, a consciência crítica em relação à linguagem e os aspectos sociopolíticos da aprendizagem da (LE).

A participação do corpo docente viabilizará um maior contato desta cultura fazendo com que a comunidade escolar perceba a importância destas pesquisas, a consciência crítica em relação à linguagem e os aspectos sociopolíticos da aprendizagem da (LE).

MATERIAL E METODOLOGIA

Os professores promoverão discussões sobre aspectos históricos e culturais dos países: África do Sul, Camarões, Gana e Nigéria. E farão com que os alunos de um modo geral reflitam e interpretem por meio de análises de dados a pesquisa, incentivando através destas a importância da preservação da memória cultural destes países. A segunda etapa das oficinas acontecerá através de atividades apoiadas em ilustrações de fotografias e textos em língua inglesa, nos quais levarão os alunos em dupla a visualizar a importância de se aprender uma língua estrangeira. Pois através

deste exercício eles descobrirão que muitas informações não estão disponíveis em língua materna, validando assim o ato de pesquisar em língua inglesa. A partir da terceira etapa os estudantes do ensino fundamental e Educação de Jovens e Adultos (EJA), encaminharam para atividades específicas. As turmas do fundamental realizaram na sua 3º, 4º, 5º, 6º e 7º etapa as seguintes atividades, elaboração e conclusão das pesquisas relacionadas ao apartheid e roupas africanas. A turma 5ºM8 realizou na sua 3º, 4º, 5º etapa as seguintes atividades: confeccionaram cartazes criativos para caracterizar o apartheid. As turmas do eixo V do EJA do noturno na sua 3º, 4º, 5º, 6º e 7º etapa escreveram textos em língua inglesa expressando por meio destes opiniões pessoais sobre roupas africanas e confeccionaram quadros de papelão de 40x40 cm devidamente forrados de papel Carmo preto no qual colarão os textos e suas respectivas fotos. As turmas do eixo VI do EJA 1,2,4 e 5 do noturno serão divididas em quatro grupos, onde cada um deles estiveram pesquisando aspectos históricos e culturais dos países Gana, Nigéria, Camarões e África do Sul. Onde as seguintes atividades foram realizadas nas etapas: 3º, 4º, 5º, 6º, 7º, 8º, 9º, 10º, 11º e 12º. O 1º e 2º1 fizeram as seguintes pesquisas sobre Gana: moda e culinária, cultura: alimentação e dança e biografia, obra, e fotografia da cantora Daddy Lumba em língua materna e em língua inglesa. O 1º e 2º2 fizeram pesquisas sobre a Nigéria: história da Nigéria, cultura, moda e culinária, biografia do escritor Ken Saro Wiwa e do dramaturgo Wole Soyinka obra e fotografia em língua materna e em língua inglesa. A turma do 1º e 2º4 fizeram as seguintes pesquisas sobre África do sul: história da África do sul, biografia da cantora Brenda Fassie obra e fotografia, biografia do escritor JM Coetzee obra e fotografia e cultura: alimentação, dança, moda e culinária. A turma do 1º2º5 fizeram as seguintes pesquisas sobre Camarões: história de Camarões, biografia da escritora Patrice Kaio obra e fotografia, biografia da cantora Werewere Liking obra e fotografia, cultura: dança moda, língua e arte. As pesquisas foram fixadas em 3 folhas de papel carmo contendo em cada uma destas uma lauda da pesquisa, após isso estas serão fixadas com cola quente em quadros com molduras de ripa de 1 metro de largura por 2 metros de comprimento, devidamente forrados com came preto e plenamente cobertos com folhas desidratadas os mesmos deverão ser criativos tendo como conclusão as apresentações destes para a comunidade escolar totalizando carga horária de 12h com orientação do professor Jackson Santos Vitória de Almeida. As turmas a seguir realizarão as etapas 3º, 4º, 5º, 6º, 7º, 8º, 9º, 10º, 11º e 12º. O 1º e 2º3 serão divididos em quatro grupos, onde cada grupo deverá confeccionar quadros de 1x1 m de papelão coberto com folhas

desidratadas contendo fotografias sobre o apartheid, música oficial da Copa do Mundo de 2010 (Waka Waka), mulher africana e dos países: África do Sul, Camarões, Gana e Nigéria. Os 126 foram divididos em quatro grupos, onde cada grupo deverá pesquisar em língua materna e em língua inglesa a história dos países: África do Sul, Camarões, Gana e Nigéria que serão devidamente colados em um papel preto a fim de que venha ilustrar a bandeira que os mesmos confeccionarão de cartão com suporte de madeira a fim de que fosse fixadas no teto do espaço onde houvera a conclusão destas atividades apresentadas à comunidade escolar. As oficinas tiveram conclusão com a exposição dos materiais que serão pesquisados e devidamente confeccionados pelos alunos para a comunidade escolar, o corpo docente, discentes e comunidade amargosense a realizar-se nos dias 07 e 08 de junho cronograma de atividades (Anexo 10).

RESULTADOS E DISCUSSÕES

O seguinte projeto disseminou maior conhecimento sobre o inglês africano, fazendo com que o alunado perceba a importância de romper com o modelo de ensino tradicional gramatical e passa-se a visualizar a partir de fotografias e vídeos suas relações identitárias por meio de análises profundas da cultura inglesa nestes países. O trabalho contemplou aproximadamente 500 alunos por meio da confecção e visita da exposição. Além de possibilitar a interdisciplinaridade entre as disciplinas de arte e inglês, e integrou os professores para execução do mesmo. Os debates em sala de aula possibilitaram que os alunos pudessem expressar suas opiniões sobre a disseminação da língua inglesa em continente africano e permitiu maior socialização e compartilhamento de ideias antes preconceituosas. Fazendo com que estes estereótipos fossem desmascarados e enfrentados de maneira com que os mesmos fossem vistos como resultado do processo sócio-cultural. A consolidação do projeto com a exposição dos trabalhos exaltou a auto-estima dos alunos desconstruindo a imagem de preguiçosos e incapazes, a visibilidade do projeto por meio desta ação elucidou a importância desta pesquisa para a comunidade escolar e a comunidade Amargosense.

CONCLUSÃO



Este projeto desenvolve algumas idéias sobre o ensino e aprendizado do inglês-africano. Trabalhar com textos e imagens de outras culturas e faz com que o aluno possa interagir e a partir desta interação, perceber as diferenças culturais existentes promovendo a socialização dentro e fora da sala de aula de assuntos polêmicos como: preconceito lingüístico, diferenças étnicas e de espaço social. Esta atividade possibilitou também um maior contato com a língua em estudo, pois a maior parte da pesquisa só foi encontrada em língua inglesa, valorizando ainda mais o processo de pesquisa, despertando no alunado a importância de adquirir o inglês como segunda língua além de permitir que estes fossem co-participantes destas descobertas.

REFERENCIAS

BRASIL-MINISTERIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA, Secretaria de Educação fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais. Arte: MEC/SEF, 1997.

IGREJA, Jose Roberto A. fale tudo em inglês. São Paulo: Disal, 2007.259 p.

SOUZA, Adriana Grade Fiori et.al. **Leitura em língua inglesa:** uma abordagem instrumental. São Paulo: Disal, 2005, 151 p.

OLIC, Nelson Bacic;CANEPA,Beatriz.**África:** terra,sociedades e conflitos.São Paulo: Moderna, 2004.126 p.

RODRIGUES, João Carlos. **Pequena história da África Negra.** São Paulo: globo; [Brasília, DF]: Secretaria da Cultura da Residência da República: Biblioteca Nacional, 1990.283 p.

M'BOKOLO,Elikia. África Negra: **história e civilizações.**tradução de Alfredo Margarido e Valdemir Zamparoni; Assistentes;Bruno Pessoti e Mônica Santos .Salvador: EDUFBA; São Paulo: Casa das Áfricas, 2009 .(p.209-515).

LEVENTHAL, Lilian Itzicovitch; ZAJDENWERG, Ruth Bron; SILVÉRIO,Tatiana. **Inglês é 11!:** Para professores de fundamental 1(1º ao 5ºano).Barueri,SP: 2007.183 p.

BRASIL-MINISTERIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA, Secretaria de educação fundamental. PCNs: ciclos do ensino fundamental: língua estrangeira. Brasília, DF: MEC/SEF, 1998.120 p.

MEDEIROS, João Bosco, **Redação Científica:** A pratica de fechamentos, resumos e resenhas. 5. Ed. São Paulo: Atlas, 2003. (p.67-72).

SERRANO, Carlos; WALDMAN, Maurício. **Memória D'África:** a temática africana em sala de aula.São Paulo: Cortes, 2007. (p.21-159).

CERVO, Amado Luiz; BERVIAN, Pedro Alcino, **Metodologia científica.** 5. Ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2002. (p.5-19).



ESCRITORES da liberdade. Direção: Richard Lagravenese:Produção:Richard Lagravenese
EUA/Alemanha:Paramount pictures, 2007.1 DVD (123min).

MATOS, Francisco Gomes de. **Criatividade no ensino do inglês**. São Paulo: Disal, 2004. 109 p.

GHANA web. 1994. Disponível em
<<http://www.ghanaweb.com/ghanahomepage/history/>>. Acesso em: 01 jun. 2010.

HISTÓRIA DA NIGERIA. Disponível em
<http://en.wikipedia.org/wiki/history_of_nigeria>. Acesso em: 01 jun. 2010.

HISTÓRIA DO APARTHEID. 11 mar. 1744. Disponível em
<<http://www.africanaencyclopedia.com/apartheid/aphartheid.html>>. Acesso em: 05
mai. 2010.

ROUPAS AFRICANAS. Disponível em
<<http://www.onespirit.connects.com/imagens/african%20clothing.jpg>>. Acesso em 01
jun. 2010.

LUMBA; daddy. 27 mar. 2009. Disponível em
<<http://www.modernghana.com/lifestyle/765/16/biography-daddy-lumba.html>>. Acesso em: 27 mai. 2010.

GALL; thompson. 2005. Disponível em <<http://www.bookrags.com/biography/wole-soyinka/>>. Acesso em 27 jun. 2010.

BORDEN; timothy. Disponível em <<http://www.answers.com/topic/ken-saro-wiwa>>. Acesso em: 27 mai. 2010.

STOCKHOLM. the nobel fundation. 2004. Disponível em <<http://nobelprize.org/nobel-prizes/literature/laureates/2003/coetzee-bio.html>>. Acesso em 27 mai. 2010.

KAYO; Patrice. Disponível em <http://en.wikipedia.org/wiki/patrice_kayo>. Acesso em
27 mai. 2010.

HISTÓRIA DE CAMARÕES. Disponível em
<http://www.postcolonialweb.org/africa/cameroon/liking12_html> Acesso em 27
mai. 2010.

DOS CLÁSSICOS À ORALIDADE: NOVAS ABORDAGENS PARA O CÂNONE LITERÁRIO

Área temática: Cultura

Responsável pelo trabalho: Prof. Ana Lúcia Liberato Tettamanzy

Instituição: Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

Nome dos autores: Ana Lúcia Liberato Tettamanzy, Carla Lucilene Uhlmann, Sofia Robin Ávila da Silva

Resumo

A proposta desta oficina do *Grupo Quem conta um conto - Contadores de histórias* é oferecer aos seus participantes diferentes possibilidades de leitura de contos clássicos da literatura, abordando-os a partir da perspectiva da contação de histórias, que valoriza a transmissão oral. Além de estabelecer um paralelo entre oralidade e escrita, trabalharemos sob a ótica da diversidade cultural, buscando nos textos canônicos evidências das distintas culturas presentes no Brasil que possibilitem trazer à tona diferentes identidades no momento da narração oral. Através desta oficina, trabalharemos os elementos da performance com exercícios práticos e apontamentos teóricos, instrumentalizando os participantes com algumas técnicas e propostas utilizadas pelo grupo para contar histórias, sempre debatendo as questões que envolvem as temáticas da oralidade como possíveis para a leitura do cânone. Com isso, as perspectivas da literatura canônica e as da arte milenar de contar histórias podem ser aproximadas criando um ponto de articulação e diálogo não só entre as duas práticas, que são tradicionalmente apartadas, mas também entre a universidade e a comunidade e entre faces distintas da nossa cultura. Temos experimentado em sessões de narração que a transmissão oral favorece a criação de vínculos e estimula imaginação do ouvinte, tornado co-autor da história. Nas oficinas já ministradas desde a criação do grupo (em 2005) têm sido provocados debates e inovações pedagógicas que sugerem que se leve para a sala de aula a potencialidade comunitária da voz e a valorização dos saberes das pessoas comuns. Parte dessa experiência deve ser compartilhada nessa oficina.

Palavras-chave: oralidade – cânone literário – contar histórias

Introdução

A experiência de contar histórias perpassa a vida de qualquer pessoa desde a primeira infância: cantorias, versos, grunhidos, tudo comunica e conecta. O cotidiano também é permeado de relatos, fofocas, comentários da vida alheia, de modo que não há vida sem narrativa. Aliás, para várias áreas do conhecimento, a narrativa é a forma que organiza o mundo do sujeito, ressignifica o passado com a recuperação da memória e os desejos de futuro. Obviamente que há os narradores natos, aqueles que se chama vulgarmente de contadores de casos, muitas vezes associados a certos tipos humanos ou sociais – gente que tem tempo para observar o mundo e que demanda uma escuta de suas platéias.

A sociedade pós-moderna diversificou as formas de narrar com os sofisticados meios de comunicação digital, as redes sociais, os relacionamentos virtuais, há até narrativas quase orais nos chats e correios eletrônicos ou ainda livros escritos em processo por vários atores conectados nas redes. No entanto, muita gente sente a solidão nesses tempos que um sociólogo qualificou como líquidos, dada a gratuidade e fugacidade de afetos e relações. No âmbito literário, no início do século XX, o filósofo Walter Benjamin (1985) observava com melancolia que, após a guerra, os sujeitos voltavam esvaziados, sem experiências a compartilhar, por isso preconiza melancolicamente a morte da arte de narrar. Também, a seu ver, a invenção do romance e a avassaladora quantidade e diversidade de informações das mídias fariam cessar a voz que passa de boca a ouvido. Um reflexo imediato disso é a valorização da escrita e das culturas letradas em face do desprestígio das formas populares e orais, identificadas com pobreza comunicativa e carentes de intencionalidade estética.

No caso dos Cursos de Letras, área de origem do *Grupo Quem Conta um Conto*, é notória a pouca discussão acerca das formas tradicionais e orais de narrativas e poemas. Costuma-se abordar o cânone literário brasileiro a partir da perspectiva de uma história literária linear e hierarquizante. Assim como as literaturas infantis e infanto-juvenis, as manifestações orais e populares/tradicionais não recebem usualmente muitas leituras em face dos inquestionáveis temas elevados e da elaboração estética das “boas” literaturas.

Em se tratando de cultura popular, alguns traços são característicos, entre eles a repetição, o culto aos antepassados, a valorização da memória e dos vínculos coletivos, a relação próxima com o sobrenatural e com a religiosidade, o caráter prático dos relatos, a presença de elementos mediadores da relação com o divino, a proximidade com os elementos naturais. Sendo assim, usualmente os velhos, ou certos tipos profissionais (lavadeiras, agricultores, rezadeiras, benzedeiros, pescadores) costumam ser os porta-vozes das memórias por eles atualizadas, trazidas para o instante. Apesar desses elementos essenciais, pode-se acrescentar que nem só de passado vive a cultura popular. Um traço fundamental costuma ser ignorado: as culturas todas interpenetram-se e, por essa razão, são vivas, passíveis tanto de repetição como de transformação. Garantia de sua sobrevivência, a cultura popular se movimenta, adota novos suportes, assume diversificadas linguagens. Basta observar o interesse que tanto redes comerciais de televisão como veículos alternativos têm manifestado ao inserir em sua programação produções envolvendo manifestações culturais alternativas (festas, rituais religiosos, culinária, artesanato, música, danças). Pode-se ainda mencionar a recuperação, por autores consagrados do cânone literário brasileiro, de elementos da tradição oral, como é o caso da literatura de Ariano Suassuna e de João Guimarães Rosa, o relançamento de autores da literatura de cordel nordestina por editoras comerciais do centro do país ou ainda o hibridismo característico de novas gerações da música brasileira, a fundir o regional ao universal, o tradicional ao moderno, a poesia à canção.

Estudos mais recentes falam não de uma, mas de várias culturas populares, observadas e interpretadas tanto em seu contexto (quem pratica, qual o sentido, com que instâncias e grupos se relaciona) como em sua relação com as demais culturas (ora submetidas, ora em contraposição à cultura das classes dominantes ou à indústria cultural, que naturalmente possuem meios mais poderosos de veiculação e expansão). Por tudo isso,

contar histórias de origem na oralidade e na tradição popular, como tem sido a opção do *Grupo Quem conta Um Conto* desde sua criação em 2005, restabelece um caminho de duas mãos em que letra e voz, academia e sociedade, passado e futuro são aproximados numa direção comum, a utopia. Além disso, a demanda sempre renovada por nossos Cursos de Formação de Contadores indica que existe interesse sobretudo em escolas e instituições comunitárias pela retomada dessa prática na sala de aula, nos eventos sociais e mesmo nas famílias. Tal perspectiva é alimentada por atividades da pesquisa *A vida reinventada: pressupostos teóricos para análise e criação de acervo de narrativas orais*, que vem desde 2006 registrando e analisando materiais audiovisuais produzidos em pesquisa de campo. Da mesma forma, a disciplina *Literatura Oral Tradicional*, da Graduação em Letras, e disciplinas oferecidas no PPG em Letras desde 2008 têm produzido registros em áudio e vídeo que alimentam o referido acervo e geram novos estudos e propostas de trabalho efetivando o tripé entre Extensão, Ensino e Pesquisa.

Material e metodologia

Na oficina serão realizados exercícios com a voz e de improvisação corporal a fim de viabilizar a cada participante, mesmo que brevemente, a experimentação de algumas das dimensões sensoriais e afetivas implicadas. Serão criadas, inicialmente, oportunidades de constatar as diferenças entre a versão escrita de textos literários consagrados e sua execução oral pelas ministrantes. Num momento posterior, os participantes serão convidados a recriar a versão escrita de um texto através da execução oral. Por fim, serão debatidos aspectos teóricos relativos às questões de poder e de valor na literatura e na arte de forma geral, assim como serão destacados os elementos que marcam as diferentes culturas e etnias representadas nos distintos materiais e textos disponibilizados.

Resultados e discussões

Nas sessões de narração de histórias, a base da criação do grupo está na recriação dos textos. Os textos populares naturalmente favorecem a narração oral por trazerem repetições, esquemas formulares, personagens fortes e tipificados. A inserção de versos e cantorias estabelece os ritmos que encontram na voz e no corpo do contador meios de conexão com os ouvintes, convidados a se tornarem participantes ativos das performances. Os efeitos dessa relação poética são experimentados por todos os envolvidos, pois o som e a corporeidade marcam aspectos fortemente sensoriais e mesmo de contato físico entre narrador e ouvintes. No caso da passagem da escrita para a oralidade, torna-se claro que são registros distintos que se complementam mas não se excluem, cabendo a cada situação o uso de um ou outro ou de ambos e a produção de efeitos e debates distintos. Tem se mostrado extremamente produtivo debater essas possibilidades no Curso de Letras e em diferentes espaços da universidade e da sociedade como forma de valorizar os saberes e as vozes de pessoas e grupos ditos comuns.

Conclusão

A experimentação das possibilidades das artes de narrar com os participantes da oficina é mais uma forma de conduzir o conhecimento acadêmico, marcadamente formal e lógico, para um aproveitamento ético, estético e sensorial das experiências cotidianas mais simples. A sociedade atual, em sua complexidade, exige a fusão de saberes e dimensões cognitivas mais solidárias e atentas às diferenças.

Referências

BENJAMIN, Walter. O narrador: considerações a obra de Nikolai Leskov. In: *Magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Brasiliense, 1985. (Obras Escolhidas, v.1)

BOSI, Ecléa. *O tempo vivo da memória*. São Paulo: Ateliê, 2003.

BERND, Zilá & MIGOZZI, Jacques (orgs). *Fronteiras do literário*. Porto Alegre: Ed. da Universidade/UFRGS, 1995.

ZUMTHOR, Paul. *A letra e a voz*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.



**LITERATURA DE CORDEL E SEGURANÇA ALIMENTAR E NUTRICIONAL:
UM “GUISADO” - COM INGREDIENTES E TEMPEROS INUSITADOS -
PROMOVENDO SAÚDE E CIDADANIA**

Área temática: Cultura

Responsável pelo trabalho: Talita Lemos Paulino

Universidade Federal de Alfenas (UNIFAL-MG)

Talita Lemos Paulino¹; Marina Neto Rafael¹; Tamara de Souza Pereira¹; Juliana Sicupira Pinto¹; Ana Kelley de Rezende²; Ana Yara dos Santos Rossi Ribeiro¹; Anselmo Cássio Cesário³; Valéria Cristina Ribeiro Vieira⁴

¹ Graduanda do Curso de Nutrição da UNIFAL-MG, bolsista do Programa de Educação Tutorial (PET)

² Servidora Técnico-Administrativo em Educação da UNIFAL-MG.

³ Ator e Diretor do Grupo Mundo: Teatro Itinerante, Prazer em Conhecê-lo.

⁴ Professora da Faculdade de Nutrição da UNIFAL-MG, Tutora do PET Nutrição; valnut@ibest.com.br

RESUMO

O Guisado - Grupo Universitário Interdisciplinar e Itinerante pela promoção da Segurança Alimentar e Nutricional (SAN) em parceria com Adolescentes é uma ação de Extensão da Universidade Federal de Alfenas- UNIFAL-MG, que objetiva trabalhar a temática da SAN, estimulando a interação e a criatividade dos participantes e sempre envolvendo de forma ativa os adolescentes. O projeto “Cidadania no Papel: Segurança Alimentar e Nutricional em Cordel” foi desenvolvido pelo Guisado com o apoio do PROEXT Cultura, em 2009. No âmbito desse projeto foram realizadas, em diferentes locais, Oficinas de Literatura de Cordel abordando aspectos relacionados ao conceito de SAN. Foram utilizadas estratégias como apresentação de vídeos, músicas e perguntas-geradoras em forma de versos para estimular, de maneira prazerosa, a discussão e a criação artística. Os objetivos foram alcançados, com visível despertar do protagonismo juvenil - no processo de realização das oficinas - e sensibilização pela SAN nos cordéis elaborados.

Palavras-chave: Segurança Alimentar e Nutricional, Literatura de Cordel, Protagonismo Juvenil.

INTRODUÇÃO

O Grupo Universitário Interdisciplinar e Itinerante pela promoção da Segurança Alimentar e Nutricional em parceria com Adolescentes- Guisado é uma ação de Extensão da Universidade Federal de Alfenas- UNIFAL-MG que vem, desde 2008, trabalhando em prol da formação de “Agentes Jovens de Segurança Alimentar e Nutricional (SAN)” (BRASIL, 2006) - em diferentes contextos - e contribuindo, simultaneamente, para a formação acadêmica e cidadã de jovens universitários. Fundamentando-se na premissa do “protagonismo juvenil”, a metodologia adotada pelo Guisado prima pela relação horizontal entre os participantes, estabelecendo-se diálogo de saberes e parcerias na execução de atividades educativas e culturais diversas.

Em 2009, o Guisado realizou o projeto “Cidadania no Papel: Segurança Alimentar e Nutricional em Cordel”, com apoio financeiro do Programa de Apoio à Extensão Universitária em interface com a Cultura (PROEXT/Cultura) dos Ministérios da Cultura e da Educação. Em sua execução, contou com a parceria do “Grupo Mundo: Teatro Itinerante, Prazer em Conhecê-lo”, de Alfenas-MG, composto por jovens atores, atrizes e diretor teatral, em plena sintonia com a proposta do Guisado. Além de continuar contribuindo para a formação de universitários e de outros “Agentes Jovens de SAN”, esse projeto objetivou também divulgar e incentivar a valorização da Cultura Popular - em especial o Teatro e a Literatura de Cordel. Nesse sentido, estava prevista, em seu âmbito, a realização de Oficinas de Literatura de Cordel, sendo que a ideia inicial era trabalhar com adolescentes dos Ensinos Médio e Fundamental da rede pública de Alfenas e região. A ampliação da ação do projeto junto a turmas da Educação de Jovens e Adultos (EJA) foi motivada pelo interesse em problematizar também com essas pessoas aspectos fundamentais da SAN, reconhecendo-se que muitas delas vivenciaram, na infância e adolescência, uma condição socioeconômica que acarretou o abandono escolar, em geral, associando-se a situações de insegurança alimentar e nutricional.

MATERIAL E METODOLOGIA

A metodologia proposta para implementação do projeto constituía-se por: (1) realização de Oficinas de Literatura de Cordel com os adolescentes e jovens da Educação Básica e da EJA, nas quais eles seriam estimulados a criar textos em cordel, abordando a temática da SAN e (2) montagem de um espetáculo teatral a partir de cordéis sobre SAN - de autores conhecidos e agregando-se também as criações dos adolescentes.

Para estabelecimento de um “canal de comunicação” com possíveis escolas e/ou professores, foi promovido o “Curso para professores parceiros na formação de Agentes Jovens de SAN: Literatura de Cordel e Teatro como proposta metodológica”, oferecido, gratuitamente, a todos os interessados das redes pública e privada de Alfenas e região. Essa atividade foi uma alternativa encontrada para se ter um “ponto de partida” para os contatos com possíveis locais de execução do projeto.

Os participantes desse curso, bem como os diretores das respectivas escolas, foram, posteriormente, contatados para a concretização da parceria. Sugeriu-se, então, a eles a realização de uma oficina pré-espetáculo, junto a seus alunos, a partir de uma proposta elaborada pela equipe do projeto, a qual poderia ser adequada, conforme a disponibilidade e infraestrutura de cada escola participante e/ou interesse do professor.

Os materiais para essas oficinas incluíram: proposta de roteiro em duas versões (curta e longa); perguntas-geradoras em forma de versos para estimular o debate e a criação de cordéis sobre SAN; CD com a música “O que é Literatura de Cordel?” e DVD com vídeos didáticos, denominados “Interprogramas”, produzidos pelo Programa “Fome Zero” (pequenas chamadas sobre a temática da SAN, trabalhando com rimas e musicalidade) – que foram também transcritos por integrantes do Guisado - além de ficha de avaliação a ser preenchida pelos participantes, contendo a pergunta “O que você achou deste projeto? E por que?”, com as alternativas excelente, bom, regular, ruim. As experiências vivenciadas nas oficinas, bem como as avaliações dos participantes, foram sistematizadas considerando observações feitas/registradas pela equipe no decorrer do processo e aquelas obtidas por meio dessa ficha de avaliação, entregue ao final.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Além da Oficina de Literatura de Cordel realizada durante o Curso para Professores Parceiros, a equipe do Guisado/Grupo Mundo coordenou a realização de mais 7 oficinas, com cada uma apresentando diferentes peculiaridades. Foram contemplados 6 escolas e 4 municípios da região, além da capital Belo Horizonte, em que a oportunidade de atuação surgiu já no decorrer do desenvolvimento das atividades. O projeto atingiu diferentes faixas etárias e, em termos quantitativos, foi considerado excelente por 84% dos participantes que preencheram a ficha de avaliação. Em relação aos comentários redigidos, também houve notável reconhecimento à proposta, a exemplo dos seguintes: “*Fala da*

realidade do mundo e das dificuldades”, “Porque fala muito sobre fome e nos ajudaram a pensar sobre isso” e “Porque fala sobre o cordel que ajuda a gente a aprender”.

Apesar da proposta de roteiro elaborada, ficou evidente, desde o início, que não seria possível trabalhar com uma “receita pronta”, em função das diversas realidades encontradas - incluindo tempo, espaço físico e recursos audiovisuais disponíveis (lousa, projetor multimídia, aparelho de som, TV) - e do próprio interesse dos participantes. Foi justamente esse interesse que norteou as discussões, conduzidas sob a forma de diálogo e valorizando o compartilhamento de ideias/experiências variadas sobre a temática da SAN e da Literatura de Cordel. Para favorecer tal interação, buscou-se sempre organizar as cadeiras (ou os próprios participantes, no caso da oficina realizada no Assentamento Primeiro do Sul, em que não havia cadeiras na sala disponibilizada) em forma de círculo, bem como intercalar as explanações da equipe com descontraídos momentos de canto e dança da música “O que é Literatura de Cordel” e com a leitura de cordéis (de autoria própria ou não) pelos presentes. Quando realizada após o espetáculo, a oficina também foi uma oportunidade para discussão/avaliação do mesmo e criação - individual ou coletiva - de mais cordéis sobre SAN.

Além das oficinas conduzidas diretamente pela equipe do projeto - na maioria das vezes, no momento pós-espetáculo - também devem ser levadas em conta as que foram promovidas pelos próprios professores em todas as escolas visitadas. Esses, tendo se tornado parceiros do Guisado/Grupo Mundo a partir da participação no curso em junho, aderiram à proposta da realização da oficina pré-espetáculo, junto a seus alunos, envolvendo o número de turmas e utilizando os horários que julgaram mais convenientes, bem como fazendo as adaptações necessárias ao roteiro sugerido. A equipe do projeto solicitou que essa oficina fosse realizada, preferencialmente, na semana anterior à apresentação na escola - para despertar a motivação em relação ao tema e, sobretudo, oportunizar a criação de cordéis a serem eventualmente incluídos no espetáculo.

Peculiaridades vivenciadas em algumas das Oficinas de Literatura de Cordel

Escola Estadual Padre José Grimminck: considerada a experiência-piloto, nesta escola os cordéis elaborados pelos adolescentes – a partir de iniciativa da própria professora (irmã de um dos integrantes do Grupo Mundo) - já haviam sido enviados previamente ao projeto. Três deles foram selecionados, recitados ao final do espetáculo e os autores convidados para participar da ciranda final, recebendo aplausos efusivos do público presente.

Escola Estadual Judith Vianna: teve iniciativas ímpares, como preparar, com antecedência, uma apresentação de dança pelos adolescentes, incluindo uma deficiente auditiva, a partir da música “O que é Literatura de Cordel?”, que foi traduzida para a Linguagem Brasileira de Sinais (LIBRAS), sob coordenação de uma intérprete da escola.

Assentamento Primeiro do Sul: a própria equipe do projeto realizou uma oficina pré-espetáculo com os adolescentes que criaram - coletivamente e a partir de palavras-chaves e/ou versos colocados na lousa - cordéis relacionados à sua realidade de luta pela terra e pela qualidade alimentar/ambiental. Após o canto coletivo, acompanhado ao violão, os “folhetos de cordel” foram pendurados em um varal que já existia no local.

Escola Estadual José do Patrocínio: escola da periferia de Belo Horizonte, em que se deu uma das experiências com EJA. A oficina pós-espetáculo foi realizada com a “turma da alfabetização”, cuja professora já vinha trabalhando o tema da alimentação saudável e - após ter recebido os materiais do projeto – incorporou a Literatura de Cordel e incentivou a criação coletiva de dois poemas pela turma, os quais foram decorados por integrantes do elenco e recitados ao final da apresentação do teatro. Uma aluna da “turma de alfabetização”, de 74 anos, ao se esforçar no preenchimento do formulário de avaliação, expressou seu sincero sentimento a uma das integrantes do Guisado: “Queria escrever tanta coisa para vocês, que pena que ainda não consigo”.

CONCLUSÃO

Os objetivos foram alcançados, com visível despertar do protagonismo juvenil - no processo de realização das oficinas - e sensibilização pela SAN nos cordéis elaborados. Como mais um produto do projeto – ainda que não previsto na proposta inicial e ainda em fase de estruturação - é importante citar a decisão de organizar uma publicação com os melhores cordéis selecionados dentre os criados nas oficinas, que servirá como registro e divulgação do trabalho realizado e será doada à biblioteca das escolas parceiras.

REFERÊNCIAS

BRASIL. *Lei nº 11.346, de 15 de setembro de 2006.* Cria o Sistema Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional (SISAN) com vistas em assegurar o direito humano à alimentação adequada e dá outras providências. Brasília, 2006.

COSTA, A.C.G. O adolescente como protagonista. In: BRASIL. Ministério da Saúde. *Cadernos Juventude, Saúde e Desenvolvimento.* Brasília: Secretaria de Políticas de Saúde. Área de Saúde do Adolescente e do Jovem, v. 1, 1999. p. 75-9.

O DANÇAR TERPSÍCORE

Área Temática:Cultura

D. TEIXEIRA

Universidade Federal do Rio Grande (FURG)

D. TEIXEIRA¹, G. SOUZA²; R. SOUZA³

RESUMO

Esta vivência se propõe a apresentar uma nova possibilidade de significação dos movimentos e do corpo humano. Através da dança contemporânea; escolhida pela liberdade criadora que carrega consigo, serão realizadas diferentes experimentações com vistas a investigar movimentações para além dos automatismos cotidianos. Voltada para um público de adultos, a oficina tem duração de 120 (cento e vinte) minutos e pretende possibilitar espaços para uma nova forma de ver e dançar o mundo.

Palavras Chave: Movimento, Dança Contemporânea, Dançar.

INTRODUÇÃO

Uma das características mais marcantes presentes na dança é a possibilidade de tornar todo e qualquer fenômeno tema e fonte para uma dança, conforme SARAIVA (apud SARAIVA, 2007 p. 107) “a dança é uma experiência estética que desenvolve uma ‘capacidade de percepção do mundo, tornando capaz de vivenciá-lo, refleti-lo e recriá-lo’.” A experiência da dança transforma seu intérprete em uma espécie de camaleão que, através do movimento expressivo, imprime em si a proposta contida em sua dança.

Na sociedade atual existem diferentes opções de atividades físicas que movimentam o corpo dos indivíduos procurando atender as mais diversas demandas. Entretanto, a dança se configura como uma prática que transcende o conceito de atividade física pura e simples.

¹ Acadêmica do curso de Licenciatura em Educação Física (FURG)

² Mestranda em Educação Ambiental (PPGEA – FURG) e professora do Instituto Federal do Rio Grande do Sul (IFRS)

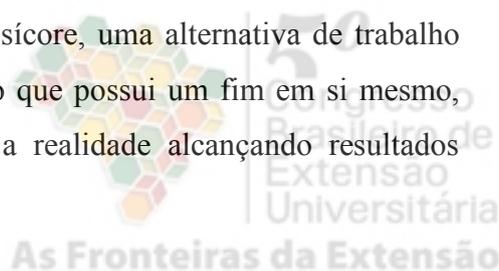
³ Músico, Técnico Administrativo e Coordenador do projeto Terpsícore – Dança FURG!

Educar através do movimento imprime nos sujeitos um legado que os acompanhará para toda a vida. Para que o processo dançante se configure livremente, os sujeitos devem ter consciência que a dança transcende a mecânica da técnica, podendo surgir da experimentação individual, da experiência de cada aluno para com seu corpo. Os estudantes devem receber dos facilitadores os elementos para conhecerem e experimentarem seu próprio corpo, ao mesmo tempo enquanto se moldam como seres humanos sociais, fruto e produtores de cultura e interação social, de modo que possa se atingir um resultado, não estanque, mas sim contínuo, de dimensão humana, intra e interpessoal, global e específica.

A escolha da dança contemporânea se dá pelo fato de ser esta uma modalidade que permite maior liberdade de criação e exploração de movimentos e jogos coreográficos, dança que acredita na universalidade do movimento.

Com base nessa crença foi criado o projeto Terpsícore, no ano de 2006, sendo pioneiro na iniciação tardia em dança na Universidade Federal de Rio Grande. Desde o início das atividades a participação é gratuita e em torno de 150 (cento e cinquenta) alunos já passaram pelo projeto. A partir destas práticas surge, no mesmo ano, o Terpsícore – Grupo de dança da FURG, formado pelas pessoas que além das aulas, comprometem-se com as apresentações, no limite de suas possibilidades. A maior parte dos indivíduos que participam do projeto acaba fazendo parte do grupo, a única exigência que lhes é feita é um tanto quanto subjetiva e reveladora: é preciso envolver-se. Todos são responsáveis por fiscalizar esse envolvimento, tendo a liberdade de cobrar mudanças de quem deixar a desejar. Desta forma tudo acaba girando em torno de um grande companheirismo. Ao longo desse tempo de existência, o grupo Terpsícore produziu e realizou sete espetáculos, levando a dança produzida na universidade para milhares de espectadores. Muitos destes vieram a tornarem-se bailarinos do projeto, alimentando um círculo que se renova ano após ano, agregando diferentes olhares dançantes e corpos possíveis aos movimentos de Terpsícore.

Partindo deste projeto engendra-se esta vivência que objetiva proporcionar aos extensionistas experimentar um pouco do dançar Terpsícore, uma alternativa de trabalho onde o movimento possa ser percebido não como algo que possui um fim em si mesmo, mas como uma possibilidade lúdica de transcender a realidade alcançando resultados expressivos.



METODOLOGIA E MATERIAIS

A oficina tem duração de aproximadamente 120 minutos, direcionada a um grupo de adultos que não necessitam apresentar uma prévia experiência na área da dança. A previsão de público gira em torno de 20 (vinte) pessoas que necessitam de uma sala ampla para compreender diferentes estilos de movimentação. É necessária uma atenção especial ao piso da sala, devendo preferencialmente ser liso, – em madeira ou similar – para proporcionar uma movimentação contínua, ou seja, sem extrema aderência. A metodologia a ser seguida neste projeto estará dirigida a induzir a atividade participativa dos estudantes, bem como, a aprofundar sua formação teórico-prática mediante a aprendizagem gradual de conceitos e das suas conseqüentes aplicações. No decorrer do encontro, acontecerá uma breve explanação acerca da dança contemporânea, em seguida, os participantes receberão diretrizes gerais para que possam investigar em si mesmos, e nos colegas de oficina, possibilidades de movimentação. Movimentações estas oriundas de um corpo humano, muitas vezes limitado em sua capacidade de mover-se, acostumado aos automatismos da vida cotidiana, sendo capaz de feitos surpreendentes e inesperados. Para dar corpo ao processo, diferentes estímulos musicais serão utilizados, fazendo-se necessária a utilização de aparelho de som.

RESULTADOS ESPERADOS

Viver é uma prática constante geradora de uma teia de significados. Para os indivíduos envolvidos com o processo da dança, um dos fios desta trama é a prática dançante. Esperamos que, através desta vivência, os extensionistas descubram uma dança que não esperam encontrar. Uma paisagem de emoções que traz consigo uma experiência geradora de crescimento. É difícil precisar se a dança contemporânea é aprendida ou aflorada, contudo, é fácil reconhecer que as pessoas apresentam mudanças ao longo do processo de escapar da *fixidez vertical*⁴ - da qual nos fala Vigarello (2008), - mesmo em uma curta vivência.

A dança se torna um exercício de percepção do universo no qual se está inserido e ao mesmo tempo apresenta uma contradição, pois não se resume ao universo corpóreo visível, abrindo espaço para um outro exercício, o da abstração. “O objeto artístico é sempre uma concretização do conceito, o desvelamento de um caso particular e único que jaz subsumido na generalidade de uma idéia ou abstração.” (LABAN, 1990 p. 140) A partir de uma nova percepção acerca do *movimento*, o público alvo desta oficina terá a

⁴ *Fixidez vertical* de um corpo que ereto não se movimenta. (Humphrey apud Vigarello, 2008)

oportunidade de re-significar práticas cotidianas, agregando novas motivações a repertórios de movimento pré-existentes.

Através da dança os sujeitos se esforçam para suprir suas necessidades de movimento que, como diz FUX, fazem parte da pessoa e “quanto mais seja ajudada a expressar-se, mais benefícios obterá para o resto de suas atividades em sua vida privada e social.” (1983, p. 97).

CONCLUSÃO

O movimento expressivo faz com que o indivíduo redescubra seu corpo, seu ser, sua vida. A partir do movimento, sua percepção do mundo passa a ter olhos dançantes e o universo é re-significado.

A dança contemporânea nos permite a liberdade de estender esse processo de re-significação do mundo a todo e qualquer corpo, independentemente da sua idade ou condição física. A partir de sua forma livre, qualquer indivíduo pode tornar-se um bailarino contemporâneo, *sem limites de idade*, gênero ou qualidade técnico-expressiva. Tudo pode ser trabalhado, visto que os movimentos da dança contemporânea podem se assemelhar àqueles executados no exercício das tarefas diárias.

Acreditamos que esta é a maior contribuição da vivência proposta, a constatação de que através da liberdade de movimento ofertada pela dança, os indivíduos percebem novas possibilidades de relacionamento consigo mesmos e com o mundo.

A partir dos resultados esperados, podemos dizer que nem todos existiam de um modo dançante, mas todos podem envolver-se como seres que compartilham a experiência viva da dança.

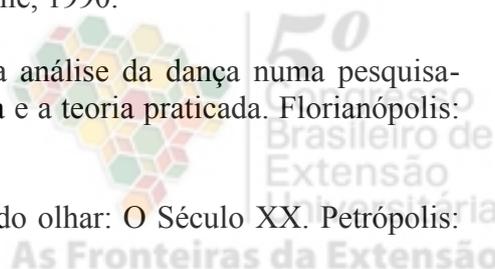
REFERÊNCIAS

FUX, M. *Dança, Experiência de Vida*. 3ed. São Paulo: Summus, 1983.

LABAN, R. *Dança Educativa Moderna*. São Paulo: Ícone, 1990.

SARAIVA, M. C. Alguns significados e contextos na análise da dança numa pesquisa-ação. In: *Esporte e Lazer na cidade: a prática teorizada e a teoria praticada*. Florianópolis: Lagos Editora, 2007.

VIGARELLO et all. *História do corpo: As mutações do olhar: O Século XX*. Petrópolis: Vozes, 2008.



OFICINA DE DANÇAS POPULARES BRASILEIRAS: UMA ABORDAGEM TRANSDISCIPLINAR.

Área Temática: Cultura

Responsável pelo trabalho: Jair Felipe Bonatto Umann

Escola de Educação Física (EsEF). Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

Autores: Jair Felipe Bonatto Umann¹; Laura Bauermann².

Resumo

O Projeto de Extensão *Grupo de Brincantes do Paralelo 30 – 2011 - O Folclore e a Cultura Popular sob uma perspectiva transdisciplinar* promove ações que destacam a importância da cultura popular, estabelecendo uma ligação entre os saberes acadêmico e popular, partindo de uma postura transdisciplinar. A oficina propõe uma alternativa no que diz respeito ao ensino da dança, proporcionando aos participantes a oportunidade de vivenciar, a partir da dança, cantos e poesia, diversas manifestações da cultura popular brasileira, destacando o agir a partir da transdisciplinaridade. Com isso esperamos contribuir na construção de relações mais solidárias, conscientes e harmônicas, articulando os saberes e saberes da cultura popular com as reflexões e construções que emergem no ambiente acadêmico.

Palavras-chave: Cultura popular, dança, transdisciplinaridade.

Introdução

O Projeto de Extensão *Grupo de Brincantes do Paralelo 30 – Folclore e Cultura Popular* tem como proposta pesquisar, vivenciar e compor quadros artísticos de diversas manifestações da cultura popular, considerando sua complexidade inerente e utilizando a dança como foco desse estudo. O termo Brincante está diretamente ligado à forma de interação que o grupo busca com a cultura popular:

¹ Mestre em Educação. Professor Assistente no Departamento de Educação Física - UFRGS

² Graduanda em Licenciatura em Dança. Universidade Federal do Rio Grande do Sul

brincante é todo aquele que participa da festa, seja na sua produção (cozinha, limpeza, entre outros), na atuação cênica (músicos e bailarinos) ou apenas como convidado integrando o público ativo. Ou seja, o grupo procura brincar em cada uma das funções constituintes de cada manifestação, destacando seu caráter plural e complexo.

Dessa forma, entendemos que dançar, cantar, tocar um instrumento, recitar uma poesia, são elementos, dentre outros, que constituem as expressões da cultura popular e, assim sendo, compreendemos que percorrer cada trama desta tecitura, ou seja, perceber a complexidade inerente ao fenômeno, possibilita que nossa imersão em uma dança específica seja mais profunda, logo, mais qualificada.

Ainda, dialogando com Faria e Garcia (2003), em tempos de padronizações e busca de uma uniformização que assombra o mundo contemporâneo, num contra-fluxo, propomos uma prática que resgata identidade e valoriza a diversidade cultural que compõe a cultura brasileira.

Uma postura transdisciplinar, leva em conta estes aspectos citados anteriormente, além de destacar a importância de um diálogo aberto entre os diferentes campos acadêmicos, bem como entre a ciência e a cultura popular.

“... uma vida de: “ouvir e interpelar não só os mestres credenciados pela academia, mas também o povão impregnado de sabedoria... de visitar não apenas museus e galerias mas igualmente mercados e praças populares ...” D’Ambrósio (1997, p.22)

Assim um dos objetivos desta proposta é destacar o agir transdisciplinar no processo de ensino, no qual o contato do público com as danças, cantos e poesia da cultura em questão tem a finalidade de desenvolver a capacidade de vivenciar suas particularidades, ressaltando a importância de uma ação docente coerente com a proposta.

Outro objetivo é possibilitar a vivência de um recorte da cultura brasileira através de danças populares, visando resgatar o contexto histórico no qual cada dança está inserida e destacar os saberes populares presentes nas diversas manifestações. Dispondo-se também a estabelecer alguns pontos a respeito da formação do povo brasileiro, segundo Ribeiro (2006) influenciado culturalmente por três matrizes principais: indígena, afro e luza, que juntamente com as necessidades e potencialidades naturais de cada região constituíram os diferentes costumes da população brasileira (Bastide, 1980).

Metodologia

“A visão transdisciplinar é resolutamente aberta, na medida em que ela ultrapassa o campo das ciências exatas devido ao seu diálogo e sua reconciliação, não somente com as ciências humanas, mas também com a arte, a literatura, a poesia e a experiência espiritual.”

Carta da Transdisciplinaridade, Artigo 5³

O desenvolvimento das atividades parte de um princípio recursivo de atuar sob uma ótica transdisciplinar, para tratar de uma metodologia transdisciplinar, ou seja, a transdisciplinaridade pela transdisciplinaridade, buscando envolver os diversos saberes presentes nas manifestações de caráter popular, além disso, propomos transitar entre, através e além das diferentes disciplinas (Umann, 2007).

A metodologia, de caráter teórico-prático, desenvolver-se-á a partir vivências de movimentos utilizados nas danças populares em questão, articulado com reflexões e provocações sobre temas que perpassam o contexto do participante e da manifestação.

*“O processo de aquisição do conhecimento é, pois, essa relação dialética saber/fazer, propelida pela consciência. Realiza-se em várias dimensões. Dessas destacamos, como as mais reconhecidas e interpretadas, a **sensorial**, a **intuitiva**, a **emocional** e a **racional**.”*

D´Ambrósio (1997, p. 28)

Como procedimento metodológico utilizaremos dinâmicas individuais em pares, em pequenos grupos e no grande grupo. Das manifestações que pretendemos trabalhar destacam-se: jongo, batuque de umbigada, danças de orixás, maculelê e danças de diversos povos indígenas brasileiros como: guaranis, mundurucus, kalapalos, dentre outros.

Além de propormos o trabalho com a dança, ambientaremos com temas musicais de cada cultura presente, com as quais os participantes serão convidados a atuar assumindo o papel de brincante, ou seja, cantando, dançando e improvisando versos.

Cabe destacar que durante a prática, convidaremos os presentes a refletirem e discutirem acerca dos aspectos que constituem cada dança ou canto, relacionando com questões sócio-culturais e ambientais dos contextos de onde cada uma delas

³ Barros, Mello e Sommerman, 2002, p. 195

emerge, buscando assim, abordar temas como diversidade cultural, discriminação, relações de gênero, desigualdade social, em consonância com uma metodologia transdisciplinar.

Para a realização das atividades, necessitamos de uma sala ampla, com piso que possibilite dançar e que tenha equipamento de som com entrada de áudio auxiliar (para conectar notebook), que tenha potência adequada para o tamanho da sala e número de participantes (50).

Resultados e discussão

Observando as ações do “*Grupo de Brincantes do Paralelo 30 – 2011 - O Folclore e a Cultura Popular sob uma perspectiva transdisciplinar*”, percebemos que o agir transdisciplinar promove a imersão dos participantes em cada manifestação da cultura brasileira trabalhada, potencializando a apropriação de saberes inerentes a cada uma delas, percebe-se isto pela qualidade da construção artística que cada componente expressa.

Quando promovemos oficinas fora do contexto do grupo, mesmo tratando-se de uma ação pontual, podemos perceber a emergência de características semelhantes às citadas acima.

Cabe destacar que, por ser uma proposta aberta, a construção do processo se dá em meio ao próprio processo visto que as problematizações e contribuições dos participantes influenciam diretamente no resultado final. Então, partimos de uma estratégia, mas cada oficina ressignifica-se durante o seu desenvolvimento.

Conclusões

Esperamos que a atividade proposta venha como uma possibilidade em que os participantes possam transitar por alternativas para o ensino da dança e ainda que sensibilize-os da diversidade sociocultural brasileira para que a partir disso se torne possível perceber as diferenças possibilitando a inclusão. Evidenciando, por meio da vivência, o caráter complexo que envolve as questões culturais, além de destacar a importância da manutenção das manifestações da cultura popular.

Assim, acreditamos estar contribuindo na construção de relações mais solidárias, conscientes e harmônicas, articulando os sabores e saberes da cultura popular com as reflexões e construções que emergem no ambiente acadêmico.

Referências

- BARROS, Vitória Mendonça de, MELLO, Maria F, SOMMERMAN, Américo. Introdução In: CETRANS. Educação e Transdisciplinaridade II. São Paulo: Triom, 2002. p.45-70.
- BASTIDE, Roger. Brasil, terra de contrastes. São Paulo: Editora Difel, 1980.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. O que é folclore. São Paulo: Editora Brasiliense, 1984.
- D'AMBROSIO, Ubiratan. Uma visão transdisciplinar de valores. Pátio Revista Pedagógica. Porto Alegre, n. 13, p. 16-20, mai-jul., 2000.
- _____. Transdisciplinaridade. São Paulo: Palas Athena, 1997.
- FARIA, Hamilton e GARCIA, Pedro. Arte e identidade na construção de um mundo solidário. São Paulo: Instituto Polis, 2003.
- NICOLESCU, Basarab. O Manifesto da Transdisciplinaridade. São Paulo: Triom, 1999.
- RIBEIRO, Darcy. O Povo Brasileiro. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- UMANN, Jair Felipe Bonatto. Dançando em harmonia na cadência da transdisciplinaridade: um referencial para o ensino das danças populares brasileiras na universidade. Dissertação de Mestrado – Faculdade de Educação, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

OFICINA MEMÓRIA, PATRIMÔNIO E IDENTIDADE NO ESPAÇO ESCOLAR

Área temática: Cultura

Sandra Suely dos Santos Francisco

Programa Arte na Escola – Pólo Belém (PAE-Belém); Universidade Federal do Pará, Instituto de Ciências da Arte, Faculdade de Artes Visuais e Museologia (UFPA/ICA/FAM);

Sandra Suely dos Santos Francisco¹; Diogo Jorge de Melo²; Maria do Socorro Reis Lima³; Neder Charone⁴

³; Brígida Rafaela Vale de Sousa⁴; Vinícius de Moraes Monção⁵

¹sandraf@ufpa.br; ²diogojmelo@gmail.com; ³socorroprof.antropologia@gmail.com;

⁴neder@ufpa.br.

Introdução

Esta oficina está sendo desenvolvida através de uma integração de três projetos/programas de extensão da Universidade Federal do Pará, que apesar de serem distintos, possuem seu desenvolvimento integrado. O primeiro consiste no Programa Arte na Escola – Pólo Belém, que tem o objetivo desenvolver ações que promovam a formação continuada de professores que atuam no Ensino de Arte. O segundo o projeto “Além dos muros dos museus: memória social na Denpasa e Cotijuba”, que trabalha questões de memória coletiva em duas comunidades dos arredores de Belém, Denpasa e Cotijuba, com o objeto de estudo direcionado para o inventário dos bens materiais e imaterial com fins de educação patrimonial para o fortalecimento da identidade cultural, uma vez que essas áreas são alvo de especulação imobiliária e expansão urbana. O terceiro, “Memória, Ciência e Arte: narrativas e representações das cerâmicas arqueológicas na manufatura de Icoaraci”, que busca levantar questões de Memória, Patrimônio e Identidade através do viés da conjugação da Ciência e da Arte no distrito de Icoaraci, região metropolitana de Belém, principalmente através das narrativas da família Cardoso.

A oficina aqui apresentada foi constituída com base nos encontros realizados pelo grupo de pesquisa “Memória, Patrimônio e Identidade” e possui o objetivo de instrumentalizar professores para o desenvolvimento de ações pedagógicas a partir de conhecimentos de Memória Social em sala de aula, capacitando-os em configurações de construções culturais de arte, identidade, patrimônio e valorização da auto-estima.

Material e Metodologia

A oficina consiste em diversas dinâmicas educativas, conjugadas a discussões teóricas sobre Memória Social, Patrimônio e Arte. Terá duração de 4 horas, destinada para 25 pessoas, sendo essas professores das redes de ensino e alunos de graduação. Será utilizando um projetor multimídia, um computador e caixas de som, para a exibição de vídeos, músicas e apresentações digitais. A primeira etapa da oficina consiste em uma dinâmica de apresentação, seguida da leitura e discussão de trechos dos textos de Le Goff (1985) e Pomian (2000). Será apresentada a musica “Lisboa Rainha do Mar” do grupo Madredeus, que servirá de análise para construção de um pequeno texto sobre a identidade das diferentes localidades de origem dos participantes. Essa etapa se desdobrará na elaboração de um painel visual, que será construído coletivamente pelos participantes.

Resultados e Discussões

Estudos de Memória Social atualmente são amplamente desenvolvidos no meio acadêmico, mas são poucos os estudos desta área que se destinam a um compartilhamento como as áreas de ensino, principalmente no âmbito formal. Desta feita, acreditamos que tais conhecimentos podem ser plenamente absorvidos nas praticas e fazeres escolares, servindo como uma importante ferramenta de ensino, que pode ser trabalhada transversalmente ao Ensino de Artes, identificando patrimônios locais, individuais e coletivos e estabelecendo a construção ou identificação de aspectos identitários, que valorizem os saberes culturas locais. Cabe destacar que esses aspectos são amplamente trabalhados na pedagogia de Paulo Freire e na Museologia Social (Freire, 1992). Tal proposta favorece o desenvolvimento integrado do ensino da pesquisa e da extensão universitária.

Conclusão

Com o alcance dos objetivos propostos, esperamos promover a reflexão e a sensibilização dos participantes para as questões apresentadas, onde a mesma seja utilizada como uma importante ferramenta de ensino na sala de aula dos sistemas escolares, aliado ao desenvolvimento integrado do tripé ensino, pesquisa e extensão universitária, possibilitando que a disciplinas afins ao Ensino de Arte busque o desenvolvimento social local.

Referências

FREIRE, P. *Pedagogia da Esperança*. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra. 1992.

LE GOFF, J. Memória. In: *Enciclopédia Einauldi: Memória-História*. Lisboa: Imprensa Nacional, v.1, 1985, p.11-50.

POMIAN, K. Memória. In: *Enciclopédia Einauldi: Sistemática*. Lisboa: Imprensa Nacional, v.42, 2000, p.507-516.



Oficina: O Esticador de Horizontes

Área Temática: Cultura

Responsável pelo Trabalho: Cláudia ZANATTA

Instituição: Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

Autores: Cláudia ZANATTA (1); Maria Helena STEFFANI (2); Camila Rodrigues MACHADO (3); Felipe MIANES (4)

Palavras-chave: horizonte; deficiente visual; inclusão

Resumo: A Oficina *O Esticador de Horizontes* objetiva sensibilizar o público participante do CBEU para o fato de que um horizonte (uma meta) é uma fronteira móvel e que se amplia ao entrar em contato com diferentes pontos de vista e percepções. Vinculada à prática desenvolvida na ação de Extensão Cerâmica e Inclusão, voltada ao ensino da cerâmica a deficientes visuais e videntes, propomos para o evento uma instalação artística tendo como temática o poema em que Manoel de Barros se refere ao *Esticador de Horizontes* como uma possibilidade de vermos a nós mesmos e a nosso entorno a partir de um olhar diferenciado.

O Esticador de Horizontes

Introdução

Cada pessoa tem um horizonte, uma meta. Às vezes, até mais de uma meta. Um horizonte é um limite, uma fronteira, espécie de linha imaginária gerada pelo encontro da terra com o mar ou da terra com o céu. O que chama a atenção é que essa fronteira tem uma peculiaridade: ela é móvel. O horizonte, embora nos estimule a caminhar, é uma fronteira nunca alcançável porque quanto mais caminhamos em sua direção, mais ele se afasta, se distende. O poeta Manoel de Barros parece ter ampliado ainda mais essa fronteira, inventando o que chamou de “esticador de horizontes”¹. E se fizéssemos agora uma pergunta não muito corriqueira: Qual o conceito que um deficiente visual tem a respeito da noção de horizonte? Provavelmente teríamos muitas respostas diferentes. O fotógrafo cego Eugen Bavkar, por exemplo, afirma que “o meu horizonte é até onde eu posso tocar”.² É do horizonte como uma linha, um caminho, gerado a partir de diferentes pontos de vista (às vezes, táteis) que vamos tratar neste artigo, relacionando a possibilidade de ampliação desta linha imaginária à prática da ação de extensão *Cerâmica e Inclusão*. Tal ação se realiza há mais de dois anos no Instituto de Artes, UFRGS e se dedica a ensinar a arte cerâmica a cegos e videntes.

As pessoas com algum tipo de necessidade especial eram consideradas até o século XVIII como inválidas, incapazes de realizar qualquer função produtiva e, portanto, ficavam excluídas socialmente. Somente mais tarde, no século XIX,

¹ BARROS, Manoel. *O livro das ingnorações*. Rio de Janeiro: Ed. Record, 1984

² Documentário *Janela da Alma*, de João Jardim e Walter Carvalho, Brasil, 2001.

medidas foram tomadas para tratar do assunto com a criação das primeiras escolas exclusivas para alunos especiais. Em 1990, em uma conferência organizada pela ONU – *Educação para Todos – e na Conferência Mundial de Educação Especial*³ e, em 1994, na Espanha, cidade de Salamanca⁴, a função das escolas especiais foi revista e apresentou-se como princípio básico promover a inclusão das pessoas com necessidades especiais em instituições regulares de ensino, sem nenhuma distinção. Assim, na busca para se adequar as novas leis de inclusão de pessoas com algum tipo de necessidade especial ao ensino superior e atendendo demandas da comunidade, surgiu o projeto de extensão universitária chamado *Cerâmica e Inclusão*. Tal projeto, desde abril de 2009, aborda a inclusão de deficientes visuais no Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) por meio de um curso na área da cerâmica do qual participam videntes e portadores de deficiência visual em diferentes graus.

A ação de extensão *Cerâmica e Inclusão* procura aproximar a pessoa cega do ambiente universitário, tendo como foco central a arte. Ao receber os alunos cegos para o curso, diagnosticamos que os mesmos haviam tido pouco ou nenhum contato com espaços universitários. Nenhum dos alunos havia estado antes no Instituto de Artes, sendo essa aproximação uma experiência nova. O grupo é muito heterogêneo – há cegos 100%, há aqueles que enxergam apenas 1% e, portanto, lêem em Braille, bem como pessoas que enxergam 30% e podem utilizar-se de materiais com letras ampliadas até pessoas com 100% de visão. Quanto à faixa etária, variam de 16 a 60 anos. O grau de escolaridade também é variável, nenhum dos deficientes visuais tem curso superior completo, tendo em geral escolaridade média.

Logo no início da ação, no planejamento das aulas, havíamos priorizando o uso de texturas ao invés de cores. Eis que tivemos uma surpresa ao constatar que principalmente os alunos deficientes visuais desejavam trabalhar com cores na cerâmica; desejavam pintar. Ao indagar a alunos cegos desde o nascimento sobre as cores, obtivemos diversas respostas em relação a como as imaginavam. O que chamou nossa atenção foi que a maioria dos alunos da ação (80%) prefere a cor azul. Lembramo-nos imediatamente de outro poema de Manoel de Barros, no qual ele afirma que “as coisas não querem mais ser vistas por pessoas razoáveis, elas desejam ser olhadas de azul”.⁵ O azul, na ação de extensão *Cerâmica e Inclusão*, passou a ser então, metáfora para que olhássemos nossa prática com olhos diferentes, a partir de outros pontos de vista, muitas vezes, a partir do ponto de vista dos deficientes visuais, o que implica em sairmos do que já julgamos conhecido para arriscarmos a ver a nós mesmos e o que nos cerca mediante outras percepções.

Metodologia

No projeto *Cerâmica e Inclusão* focamos o trabalho com a argila e a cerâmica como propulsores para discussão do tema da inclusão em sala de aula, utilizando a produção plástica em cerâmica como possibilidade de comunicação,

³ Informações complementares sobre o assunto podem ser acessadas em:

<http://unesdoc.unesco.org/images/0008/000862/086291por.pdf>

⁴ A “DECLARAÇÃO DE SALAMANCA - Sobre Princípios, Políticas e Práticas na Área das Necessidades Educativas Especiais” está disponível em:

<http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/salamanca.pdf>

⁵ BARROS, Manoel. *O livro das ignoranças*. Rio de Janeiro: Ed. Record, 1984



acreditando que a atividade da criação deva ocorrer em um campo relacional. Ao curso estão vinculados quatro bolsistas e um professor que atuam por meio da metodologia da pesquisa-ação, abordando sensorialidades não somente específicas da visualidade, e sim, realidades perceptivas que ocorrem mediante tato, audição, olfato, enriquecendo sobremaneira o conhecimento do que se entende por percepção. Para o CBEU propomos desenvolver uma oficina para a produção coletiva de uma instalação artística com objetos e fios com o objetivo de sensibilizar os participantes sobre a possibilidade de ampliar o próprio horizonte a partir de diferentes pontos de vista. Os deficientes visuais da ação de extensão irão participar da oficina, trazendo sua contribuição ao horizonte a ser construído coletivamente. Os objetos que farão parte da instalação serão escolhidos por cada participante e simbolizarão o horizonte (a meta) de cada pessoa. Tais objetos serão amarrados em fios de diferentes espessuras e estendidos na sala onde será realizada a oficina. Iremos, real e metaforicamente, esticar nosso próprio horizonte e possibilitar que ele entre em contato com os outros “horizontes” que estarão sendo estendidos na sala. Com os horizontes individuais objetiva-se formar um horizonte coletivo, mais complexo, compartilhado. Assim, uma rede será formada, a partir de diferentes pontos de encontro e desencontro.

Conclusões

Através da arte o ser humano consegue relacionar seu mundo interior e suas vivências e se expor por meio das formas. A arte tem o papel fundamental de gerar o que ainda não existe e nos fazer ver o cotidiano com outros olhos. Desenvolver a percepção tanto para os limites, como para a impermanência e o fato de que os horizontes individuais são ampliados e modificados pelo lugar em que são gerados e pelo relacionamento com as outras pessoas pode fazer com que nos reconheçamos como parte integrante do mundo. Cada horizonte indica um ponto de vista a partir de uma diferente perspectiva. Respeitar as diferenças e se respeitar são passos importantes para que o ser humano assuma e revele sua identidade.

Observamos que a arte é, não somente no caso do aluno especial, uma excelente ferramenta que estimula a autoconfiança para interpretar e criar o mundo em que vivemos. É através da transformação da matéria em algo criativo que geramos o que ainda não existe e pensamos, re-pensamos, criamos, re-criamos cultura e cidadania. Vencemos barreiras e “esticamos” nosso próprio horizonte.

Bibliografia

- BARROS, Manoel. O Livro das Ignorâncias. Rio de Janeiro: Ed. Record, 1984.
- OSTROWER, Fayga. *Criatividade e processos de criação*. 22 ed. Petrópolis: Vozes, 2008.
- MATURANA, Umberto. *Emoções e linguagem na educação e na política*. Trad. José F. Campos Fortes. Belo Horizonte. Ed. UFMG, 2002.
- MASINI, Ecie F. S. “A educação do portador de deficiência visual – as perspectivas do vidente e do não vidente.” In: *Em Aberto*, ano 13, n. 60, p. 60 – 77, out/dez.,1993.

O LABORATÓRIO DE PANDORA: A CENA TEATRAL NA PERSPECTIVA FEMINISTA

Daiana Roberta Silva Gomes¹

Cultura – Artes Cênicas. Comunicação Oral.

Resumo: O presente trabalho de extensão teve como propósito abordar a teoria teatral e as relações político – sociais e culturais do cotidiano das mulheres e homens, com enfoque nas discussões de desigualdades de gênero e invisibilidade da mulher nos processos de decisão. Tendo como metodologia a teoria e prática teatral baseada nos jogos de improvisação, jogos teatrais e dramáticos. O trabalho colaborou empoderando-as (os) para as intervenções sociais e o teatro educação. Obteve a criação de cenas e textos teatrais com enfoque no combate a violências contra as mulheres, casamento, sexualidade, saúde. Com as oficinas no projeto de extensão possibilitou à formação estética teatral das mulheres e homens de outras áreas de conhecimento que desejavam trabalhar o teatro como intervenção e prática poética na formação formal e não - formal. Os temas discutidos durante as oficinas integraram a proposta do teatro político, que questiona a situação de opressão vivida pelas mulheres e homens.

Palavras-chave: Teatro. Gênero. Mulheres.

Introdução

A decisão de colaborar com a formação de mulheres jovens que trabalham o teatro como estratégia de intervenção na sociedade deu-se a partir das pesquisas no movimento social, como estudo das ações feministas e de gênero. Questões estas que trazem discussões e questionamentos sobre a opressão das mulheres e as desigualdades de gênero em uma sociedade que ainda não aprendeu a conviver com os diferentes. De acordo com Gustavo Venturi²:

Um comparativo com a pesquisa menos detalhada de 2001, a pior coisa em ser mulher continua sendo a violência, seguida da percepção de que a sociedade ainda é machista, inclusive no mercado de trabalho – aumentou de 14% em 2001 para 26% em 2010 o número de mulheres que nunca trabalharam porque não têm oportunidade no mercado de trabalho, e da responsabilidade de criar os filhos sem o apoio do pai. Outro dado não tão prazeroso, trata-se da porcentagem de mulheres que são exclusivamente responsáveis pelos trabalhos domésticos: 91% dos afazeres ainda são feitos por elas, apesar de 84% dos homens dizerem que homens e mulheres devem dividir por igual a labuta. Uma média de 17h45 são gastos semanalmente com serviços de limpeza da casa, cozinhar, lavar e passar roupa. Ou seja, quase 16h a menos de lazer por semana. (ABRAMO, 2010).

¹ Graduanda do Curso Licenciatura em Teatro da Universidade Federal do Maranhão – UFMA e Instrutora de Teatro nos movimentos sociais.

² Coordenador da pesquisa de opinião pública sobre o tema “Mulheres brasileiras e gênero nos espaços público e privado” realizada em agosto de 2010 pela Fundação Perseu Abramo.

Diante da pesquisa apresentada, a situação social das mulheres continua engendrada nas bases do patriarcado, que reafirma as relações desiguais de gênero, o machismo, porém observa-se que questões como a violência doméstica e sexual, as desigualdades na divisão do poder, ou as profissões de menor prestígio, têm se constituído pontos desafiantes na sociedade. Esses pontos e reflexões constituem a idéia do Laboratório de Pandora que por meio de oficinas trabalha a linguagem do teatro produzindo, assim, um debate sobre as questões política, econômica, cultural e social de gênero. O tema proposto para o projeto teve como base de discussão as histórias relacionadas ao mito de Pandora.

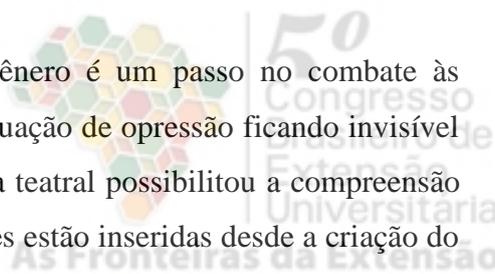
“Na mitologia grega, Pandora ("a que possui todos os dons", ou "a que é o dom de todos os deuses") foi a primeira mulher, criada por Zeus como punição aos homens pela ousadia do titã Prometeu em roubar aos céus o segredo do fogo. (...) conta sobre a caixa que foi enviada com Pandora a Epimeteu como um presente de Zeus, o qual, esquecendo-se da recomendação de Prometeu, seu irmão, de que nunca recebesse um presente de Zeus, o aceitou. Quando Pandora, por curiosidade, abriu uma caixa que trouxera do Olímpio como presente de casamento ao marido, dela fugiram todas as calamidades e desgraças que até hoje atormentam os homens. Pandora ainda tentou fechar a caixa, mas era tarde demais: ela estava vazia, com a exceção da "esperança" que permaneceu presa junto à borda da caixa. (HESÍDIO,1990).

Têm como símbolo as virtudes da criação, os dons, que ao ser descobertos transformaram-se em desgraças. A dicotomia do mito, a desobediência, a severidade dos deuses para com a humanidade, que como castigo os dons transformaram-se mazelas restando apenas a Esperança, como consoladora da curiosidade humana.

Nessa discussão observa-se a recorrência da figura da mulher como culpada, nas suas diversas versões da mitologia “a caixa de Pandora”, representa a mulher como a única culpada, sendo comparada com o fato bíblico Adão e Eva – responsável pelo pecado, a desgraça humana, que ao comer a maçã, fruto do pecado, ofereceu ao homem.

As características que as mulheres foram adquirindo ao longo da história são oriundas da educação diferenciada incutidos nas mentes e corpos das mulheres e reforçaram valores que as inferiorizaram em relação aos homens. Estes, por sua vez foram preparados para a disputa, a vida pública e tantas outras atividades que reforçam o que é ser mulher e homem no sistema patriarcal, imbricado de valores acerca do corpo, sexualidade, público e privado.

A desconstrução dos papéis tradicionais de gênero é um passo no combate às desigualdades de gênero – onde a mulher está numa situação de opressão ficando invisível durante as relações sociais. Nesta perspectiva, a prática teatral possibilitou a compreensão do contexto histórico, cultural e político que as mulheres estão inseridas desde a criação do mundo. O objetivo do presente trabalho foi promover o debate e reflexão sobre a



participação de mulheres e homens na sociedade, por meios dos estudos de Teatro, Gênero e Educação Popular na perspectiva feminista, bem como a formação estética teatral de mulheres e homens, de outras áreas de conhecimento como intervenção e prática poética.

Material e Metodologia

O projeto foi executado durante a disciplina de extensão II no curso de Licenciatura em Teatro da Universidade Federal do Maranhão. Sede do Tambor de Crioula do Mestre Amaral, situada na Rua da Pacotilha, 129 no bairro do Reviver – Centro Histórico do Município de São Luís/MA. Nas localidades, o tráfico de drogas, a exploração sexual de adolescentes e a violência contra as mulheres veêm aumentando.

O trabalho foi executado durante três meses, que corresponderam de maio a julho do ano vigente, com encontros de formação aos domingos à tarde para as mulheres do Núcleo Artístico Feminista – NAFEM, estudantes dos cursos de Biologia (mulheres e homens jovens), Matemática (jovem homem), Artes Visuais (mulheres), Música (mulher), Geografia (homem), Psicologia (homem) e Comunidade (mulher).

A metodologia aplicada ao projeto foi elaborada em duas etapas, sendo a primeira as confecções artísticas de blocos, para “registro dos protocolos” (proposta da teoria de Brecht), criados pelas (os) participantes. A resignificação da “*Caixa de Pandora*” símbolo do projeto foi confeccionada no processo criativo, com colagem de recortes de imagens e frases das revistas.

Na prática teatral ocorreu a iniciação às técnicas da expressão vocal, jogos teatrais e dramáticos. A narrativa foi o fio condutor da pesquisa e extensão no Mito de Pandora, para as discussões dos temas - violência contra as mulheres, desigualdades de gênero, corpo e mídia. Na segunda parte ocorreram as criações, jogos e improvisações de cenas, bem como as confecções de máscaras como produto artístico e investigativo do corpo mimético na cena. Produção de cordel e apresentação e apreciação do processo criativo teatral do mesmo, durante a aula, na qual obtivemos duas versões, do mesmo cordel.

As etapas integraram a proposta do teatro político, no qual questiona a situação de opressão vivida pelas mulheres. Abordagem teórica e prática da iniciação e investigação teatral, como proposta político pedagógica, para a intervenção poética do cotidiano por meios dos estudos das técnicas dos Jogos Teatrais de Viola Spolin, Ingrid Koudela, as práticas de Augusto Boal, a Pedagogia Teatral na abordagem de Flávio Desgranges e criação dramática por meios das linguagens teatrais. Na perspectiva de gênero foi utilizado

as reflexões e estudos da publicação do I Encontro Maranhense sobre Educação, Mulheres e Relações de Gênero no Cotidiano Escolar, um artigo da Prof^a Dr^a Mary Ferreira.

Resultados e Discussões

O projeto de extensão envolveu diretamente, através dos encontros trinta e três (33) pessoas (mulheres e homens), para formação teatral na perspectiva feminista, envolvendo vinte (20) mulheres e treze (13) homens. A carga horária correspondeu à sessenta (60) hora aula. A comunidade onde o projeto foi executado participou do projeto assistindo aos exercícios públicos e durante as rodas de conversas temáticas durante os encontros. Fazíamos os exercícios em locais públicos, praças, ruas e na Sede do Tambor recebíamos visitas de pessoas curiosas em conhecer o espaço e o projeto de extensão.



Figura 1: A Caixa de Pandora confecciona pelas alunas.



Figura 2: Improvisação do samba.

As reflexões do teatro educação na formação de mulheres e homens de outras áreas do conhecimento; Confeção de Máscaras, para a mimese corporal; Elaboração de textos em Cordel. Apresentação do Cordel “Tem uma mosquitinha no meu quintal”³. Improvisação de cenas temáticas relacionadas com a situação das mulheres nas relações sociais e de gênero.

³ Anexo 01

Conclusão

O projeto de extensão contribuiu para a integralidade do teatro com as demais áreas científicas, e a pedagogia teatral na educação popular. Observou-se que o teatro foi e continua sendo uma estratégia utilizada por muitas feministas, durante as intervenções políticas e culturais, algo que já era utilizado nas manifestações, realizadas por jovens mulheres e homens que faziam cultura para a mudança de um sistema que vigorou durante o período militar, contra a ditadura.

Este trabalho propõe-se a refletir e estudar o teatro e as relações de gênero com enfoque da mulher na sociedade. Atualmente os grupos de Teatro “As loucas da pedra lilás” sediado em Recife e o “NAFEM – Núcleo Artístico Feminista” de São Luís do Maranhão têm realizado um trabalho de intervenção social e política a partir do teatro que coloca em cena a situação da opressão das mulheres em diferentes contextos.

O projeto de extensão baseado no ensino e pesquisa trabalhou a perspectiva feminista a partir da linguagem teatral com o foco no empoderamento e valorização da mulher.

Referências

DESGRANGES, Flavio. **A Pedagogia do Teatro: Provação e Dialogismo**. São Paulo: Editora Hucitec:Edições Mandacaru,2006.

FERREIRA, Mary. Políticas públicas e educação na perspectiva de gênero. **In: I Encontro Maranhense sobre Educação de Gênero**, São Luís: EDUFMA, ago.2003.

NOGUEIRA, Marcia Pompeo. **Anais do 1º Seminário Teatro e Comunidade: Interações, Dilemas e Possibilidades**. 12 a 14 de novembro de 2008.Florianópolis – SC. Ed. Udesc.2009.

ANEXO 01



CORDEL
TEM UMA MOSQUITINHA NO MEU QUINTAL

Bom dia minha gente
Vim contar pra vocês a história
De um mosquito que deixa
Boa parte da região doente

No quintal da sua casa
Tem um mosquito que talvez
Você conheça

Ele é pequeno e tem asa
Tendo muitos apelidos

Arrupiado, tattuqira e cangalhinha
Foi um desses que picou minha vizinha
Que ficou tão doentinha
Cheia de feridinha
Coitada da minha vizinha

O macho só copula
A fêmea pica a mula
E transmite a Leish
Quem conhece essa peste?

No norte, sul, leste e oeste
Em todo canto tem essa peste?
Se você tomar cuidado
Não tem como ser picado

Usando mosquiteiro
Você fica prevenido como
Se estivesse num mosteiro

Usando inseticida
Pode até ficar convencida
De que não vai ficar ferida

Êta mosquitinha danada
Ao picar o corpo
Deixa uma ferida brava

Essa ferida que é a Leish
A Leish da Leishmaniose
É bem mais grave
Que qualquer virose

Por isso, então contei pra você
Tudo o que precisa aprender

Cuide do seu quintal
Gadanhe o seu chão
Cuide do lixo
E contribua com a prevenção!



PELAS CIDADES: JORNADAS DE PLANEJAMENTO MUNICIPAL PELA PROTEÇÃO DA MEMÓRIA E DO PATRIMÔNIO CULTURAL DOS MUNICÍPIOS¹

Área temática: Cultura

Responsável pelo trabalho: Raquel von Randow Portes

Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF)

Autores: 1. Fabio LIMA; 2. Raquel PORTES; 3. Denyse DELGADO; 4. Karla BALDINI; 5. Danilo GUIMARÃES; 6. Bárbara LOPES; 7. Helena TULER; 8. Bianca VEIGA; 9. Willian AREAS; 10. Eduardo VASCONCELOS; 11. Camilo LAGE; 12. Rodrigo LIMA; 13. Carolina EDUARDO; 14. Aline BARATA; 15. Livea PEREIRA; 16. Debora VENTORIM; 17. Itala KARLA; 18. Tainá LAMOGLIA; 19. Ana Paula CRUZ; 20. Larissa MOURA; 21. Marcela FERNANDES; 22. Isadora CUTRIM; 23. Isabela CUTRIM.

RESUMO

A proposta se insere no Programa Urbanismo em Minas Gerais da Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF, que inclui atividades de pesquisa e extensão nas cidades do Estado de Minas Gerais, particularmente relacionada com proposta contemplada pelo PROEXT 2011. O que se pretende aqui em termos de oficinas ministradas pelos professores e alunos do Núcleo nesta edição do CBEU volta-se de maneira particular para a proteção da memória e do patrimônio cultural das cidades. Neste sentido foram propostas oficinas a serem realizadas com a comunidade composta por professores e acadêmicos extensionistas com discussões sobre a temática da memória e do patrimônio cultural. O que se pretende é contribuir para o desenvolvimento urbano e rural qualificado, considerando as especificidades e as demandas locais e regionais, tendo em vista o patrimônio cultural, nas suas diversas manifestações, desde bens culturais móveis e imóveis até bens imateriais e naturais. As oficinas têm cunho multidisciplinar e envolvem discussões sobre patrimônio, que se inserem nas jornadas de planejamento municipal, com discussão de questões urbanísticas atuais, considerando estas realidades distintas centradas na perspectiva da

¹ O artigo se insere nos trabalhos do Grupo [Urbanismo em Minas Gerais](http://www.ufjf.br/urbanismomg) cadastrado no CNPq, que reúne pesquisadores interessados na compreensão da formação das cidades, sob o ponto de vista do urbanismo e do planejamento urbano, com a participação de profissionais de áreas distintas. Atividades de pesquisa e extensão universitária têm sido desenvolvidas de maneira complementar, integradas com outros grupos, com o apoio da FAPEMIG, do CNPQ, do Ministério da Cultura e do Ministério das Cidades, divulgado em <http://www.ufjf.br/urbanismomg>.

preservação do patrimônio. As oficinas irão abordar o planejamento com o olhar voltado para a Memória e o Patrimônio cultural.. Agradecimentos ao apoio da FAPEMIG e do CNPQ, bem como dos Ministérios da Cultura e das Cidades.

Palavras Chave: Patrimônio Cultural, Participação e Educação.

1. INTRODUÇÃO

O principal argumento para esta proposta está relacionado com a continuidade de projetos que envolvem atividades de pesquisa e de extensão nas regiões do Estado de Minas Gerais, numa perspectiva de análise comparada, com vistas à compreensão de especificidades locais e regionais. Temos interesse, através do Núcleo de Pesquisa e Extensão Urbanismo em Minas Gerais em trabalhos junto aos municípios, particularmente de cunho sócio-cultural, que possam contribuir para o desenvolvimento urbano e rural qualificado. Neste sentido, vamos ensaiar proposta aprovada para o PROEXT 2011, a ser desenvolvida ao longo do ano de 2012, por este núcleo, cadastrado como grupo de pesquisa no CNPQ, é credenciado junto à UFJF nas Pró-Reitorias de Pesquisa e Extensão (PROPEQS E PROEXC/UFJF). A justificativa para o desenvolvimento desta proposta se estrutura nos levantamentos e dados já sistematizados em estudos anteriores, à frente do Grupo de Pesquisa Urbanismo em Minas Gerais que irá permitir uma comparação com outras realidades. A participação se coloca como essencial na atualidade, para as abordagens sobre os meios urbanos e rurais, na perspectiva de gestões democráticas. Assim preconiza a Lei nº10257, o Estatuto das Cidades aprovado em 2001. Muitas dificuldades se colocam para pensarmos os rumos futuros das cidades. Esta constatação não é de hoje e podemos dizer que planos não faltaram. De tudo o que foi pensado e projetado para as cidades, pouco foi implementado. O que temos hoje são aglomerações cada vez mais segmentadas e desiguais. Novas ocupações e parcelamentos em áreas de proteção permanente se tornaram lugares comuns nas expansões urbanas. Em muitos dos casos a própria formação da cidade já foi definida de maneira inadequada. Para uma reflexão sobre o futuro de nossas urbes torna-se necessário o entendimento, no passado e no presente, das práticas e do pensamento sobre as cidades. Por esta via, temos a compreensão do município na sua globalidade e a relação com os municípios do entorno, tendo em vista a definição de diretrizes urbanísticas para o desenvolvimento urbano e rural em bases sustentáveis. Isto implica considerar a inserção dos municípios em regiões de planejamento. Os temas que se interpõem são diversos, como a proteção da memória e do patrimônio cultural, a

preservação da paisagem natural, a educação, a saúde, a assistência social, o transporte e a circulação urbana e rural, a habitação, as infraestruturas urbanas, dentre outros. Emerge a necessidade de se pensar em um desenvolvimento que considere a inclusão social e a distribuição de renda. E a perspectiva que se coloca é aquela da participação comunitária considerando as especificidades locais e regionais. O objetivo principal deste programa é possibilitar a ampliação das atividades de pesquisa e extensão desenvolvidas nos municípios em Minas Gerais em termos da capacitação de professores e alunos, no tocante aos temas relacionados ao planejamento urbano e rural, e proporcionar uma perspectiva de análise comparada da participação no âmbito das administrações municipais. Pretendemos desenvolver esta capacitação através de oficinas específicas, explorando os itinerários urbanos e rurais desenvolvidos pelo NPE URBANISMOMG/UFJF.

2. JORNADAS DE PATRIMÔNIO CULTURAL

A estratégia de ação para as oficinas a serem desenvolvidas no 5º CBEU envolve a montagem de Grupo de Trabalho Multidisciplinar composto por alunos e professores, para explorar questões ligadas ao uso dos recursos naturais e bens culturais na atualidade, além dos diferentes estágios de degradação em que estes se encontram e as possibilidades de conservação para estes diferentes elementos. Este GT irá simular situações e expor um quadro sobre a proteção da memória e do patrimônio cultural em Minas Gerais. Esta compreensão em muito servirá para a capacitação de professores, pesquisadores e alunos envolvidos, além de propiciar a formação mais preparada por parte dos professores e alunos envolvidos. Participação com preparação, com maior fundamentação, numa via de mão dupla que caracteriza as atividades extensionistas desenvolvidas pelo núcleo Urbanismo em Minas Gerais. É o que colocamos com ênfase nesta abordagem a partir da temática da preservação da memória e do patrimônio cultural. O que pretendemos também com as oficinas é propiciar um ambiente de trabalho compatível com os objetivos a serem alcançados, identificando questões comuns e explicitando as especificidades de cada caso.

3. SENSIBILIZAÇÃO PARA A QUESTÃO URBANA

A compreensão dos problemas urbanos não pode ser desvinculada de uma análise sobre as especificidades das ocupações urbanas e rurais e esta questão será explorada nas oficinas. A partir destas especificidades podem ser definidas diretrizes para a expansão urbana que visem um desenvolvimento sustentável. E esta sustentabilidade deve considerar a perspectiva da participação, para uma compreensão mais abrangente de como se articulam

as suas ocupações municipais e de como estas ocupações, como apropriações de territórios, fazem parte da construção da memória social do lugar. Isso permite e provoca repensar os espaços construídos, tendo em vista os grupos e os seus territórios carregados de significados e conteúdos. E permite também compreender melhor a diversidade que se revela nestes espaços, como reflexos dos múltiplos horizontes históricos. Ruas, avenidas, esquinas, largos, praças, parques, conjuntos de edificações compõem um cenário que transcende o aspecto funcional. Este repensar a cidade implica um olhar criterioso sobre o presente, sem perder de vista o passado, para que possamos arriscar projeções sobre o futuro, afinal, a consideração da experiência acumulada permite reavaliar as soluções possíveis. Nesta perspectiva, os recuos sobre a história são fundamentais, não com o sentido de repetição do que já foi experimentado e esgotado no seu próprio tempo, mas com a intenção de melhor situar os problemas no presente, neste tempo recente, no qual, como mencionado, tudo muda com muita rapidez e virtualidade. Buscar referências para os problemas de hoje, é isso, muito mais do que colecionar os problemas de ontem. Problemas que envolvem, em última instância, diretrizes de desenvolvimento urbano e rural, ou seja, diretrizes para proposições de qualificação e requalificação, por assim dizer, com o objetivo de atender programas muito mais complexos e temas diferenciados. Na verdade, problemas que não dependem apenas da administração pública em vigor, ao contrário, como heranças de problemas acumulados, na perspectiva democrática que sonhamos, depende muito mais da participação de toda a comunidade envolvida. Diretrizes para o desenvolvimento qualificado do município e não parâmetros simplesmente. Diretrizes que compõem planos globais e integrados, no sentido de considerar o território municipal e as suas vizinhanças, a região por assim dizer. Essas diretrizes são materializadas em termos de planos diretores e leis compactuadas, os quais não devem condicionar e limitar, ao contrário, devem indicar os melhores rumos para o desenvolvimento urbano e rural dos municípios.

4. CONCLUSÕES

As oficinas se inserem nas Jornadas de Patrimônio Cultural e compreendem temas relacionados com as diretrizes para o desenvolvimento urbano e rural dos municípios, através de dinâmicas de trabalho conjunto com os professores e alunos. Aliadas às discussões de conceitos e questões serão feitas aproximações sobre os problemas atuais dos municípios – estes em vias de solução com a possibilidade da implementação efetiva dos planos diretores por parte das novas administrações municipais empossadas no início

deste ano. Através da capacitação pelas oficinas proporcionamos a sensibilização dos professores e alunos, quanto às questões do planejamento municipal, em particular sobre a temática do patrimônio cultural. E, para esta sensibilização, destacamos as temáticas a serem discutidas, dos próprios conteúdos dos Planos Diretores Municipais. Vale ressaltar que, com estas oficinas permitimos a visualização, espacialização, distribuição, zoneamento, potencialidades do patrimônio ambiental e cultural das áreas em estudo, possibilitando uma maior interface entre os órgãos públicos, os pesquisadores e a comunidade. Com isso, vislumbramos uma preparação para o PROEXT 2011 a ser implementado em 2012, além de propiciar a visão de outras realidades numa perspectiva de análise comparada.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CASTRIOTA, L. **Patrimônio Cultural: conceitos, políticas, instrumentos**. São Paulo: Annablume; Belo Horizonte: IEDS, 2009.

HOLANDA, S. B. de. **Raízes do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001, 220 p., 1ª edição 1936.

LEME, M. C. da S. (org.). **Urbanismo no Brasil: 1895-1965**. São Paulo: Studio Nobel; FAUUSP; FUPAM, 1999, 600 p.

LIMA, F. J. M. de. (org.) **Urbanismo em Minas Gerais: Pelas Cidades**. Juiz de Fora: UFJF, 2010.

VILLAÇA, F. **Espaço intra-urbano no Brasil**. São Paulo: Studio Nobel/FAPESP/Lincoln Institute, 1998.

VEYNE, P. **Como se escreve a história; Foucault revoluciona a história**. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1995.

Currículo Lattes Prof. Fabio Jose Martins de Lima. Disponível em <<http://lattes.cnpq.br/8637271768339853>> acesso em: 30 de maio de 2010.

Diretório dos Grupos de Pesquisa do Brasil - Disponível em <<http://dgp.cnpq.br/buscaoperacional/detalhegrupo.jsp?grupo=0804604T2EOV4G>> acesso em: 30 de maio de 2010.



POR ONDE ANDAS? – FRONTEIRAS DO OLHAR

Cultura / Educação

Carlos Augusto Nunes Camargo (**Carusto Camargo**)
Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

Carlos Augusto Nunes Camargo¹; Nadmea Carvalho²

Resumo:

“Por onde andas? – fronteiras do olhar” é uma oficina que potencializará os conceitos de Pertencimento, Percurso, Fronteiras e Coletivo, considerando a percepção que os alunos/participantes têm de seus deslocamentos diários pelas cidades do Brasil. Os alunos realizarão pequenas intervenções artísticas instalando cópias em gesso de seus pés nas dependências e nas proximidades do 5º CBEU. Os pés serão elaborados durante a oficina e as imagens das intervenções serão inseridas em um Google MAPS³ de acesso livre, intitulado [porondeandas?](#)⁴.

Palavras-chave: Percurso, Fronteiras, Pertencimento.

Introdução



Na oficina “Por onde andas? – fronteiras do olhar”, os alunos/participantes enquanto agentes atuantes no caminho de percepção do outro elaborarão a partir da percepção de seus deslocamentos diários pelas suas cidades natais, os conceitos de Pertencimento, Percurso, Fronteiras e Coletivo. Após elaborarem durante a oficina a cópia em gesso da parte frontal de seus pés, realizarão de modo livre e autônomo pequenas intervenções artísticas posicionando seus “meio-pés” em seus percursos diários, presentes em suas ações

de ir e vir, do observar e ser observado. Os desdobramentos técnicos pertinentes a esta oficina serão descritos na metodologia deste artigo e os conceituais serão apresentadas a seguir.

¹ Carusto Camargo é professor doutor do Departamento de Artes Visuais e vice-diretor do Instituto de Artes da UFRGS, carustocamargo@ufrgs.br.

² Nadmea Carvalho é Bacharel em Artes Visuais, Monitora da oficina proposta e aluna do curso de Licenciatura em Artes Visuais do Instituto de Artes da UFRGS.

³ Google Maps - mapa digital disponibilizado na internet que permite a inserção de imagens sobre localidades de qualquer parte do mundo

⁴ <https://picasaweb.google.com/lh/albumMap?uname=100095815209584215749&aid=5621096265649896929&authkey=Gv1sRgCJuxxuTordTMVw#map>

Por onde andamos?

Como atuamos em nossos percursos diários?

Quais são os desdobramentos do ir e vir, do ver e ser observado?

Quais são as fronteiras de nossos olhares?

Como nos posicionamos nos limiares entre o pertencimento e a exclusão?

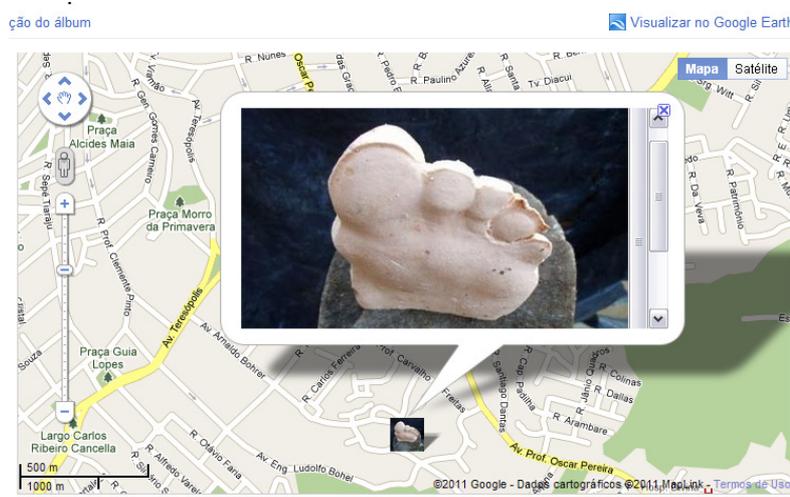
A arte de elaborar questionamentos torna-se mais apropriada ao fomento da produção artística de jovens e adultos. Uma pergunta representa a necessidade de domínio de uma área de conhecimento, ela anseia por uma resposta, por vezes única, que embase e defina uma forma de poder sobre o outro, alheio a verdade instituída pela resposta. Nas Artes, uma série de questionamentos provoca e exemplifica um percurso de pensamento dentro de um campo mais amplo, um campo de exploração das relações cotidianas do questionado dentro de uma experiência perceptiva que o move em direção a contemporaneidade que o cerca, presente nos percursos do ir e vir, da casa à escola, da escola ao trabalho, do trabalho aos espaços de convívio familiar, social e cultural. Uma contemporaneidade estabelecida por um campo de observar e ser observado, no limiar entre o ***pertencimento*** e a exclusão, uma vivência das fronteiras do olhar não mais estabelecidas por limites geográficos ou urbanos.

O ***percurso*** é o saber do artista. Ele não nos fornece respostas, pontos de chegada únicos e sim zonas de observação, momentos de perceber e ser percebido através da percepção do outro que observa nossa produção artística em exposição. Um estado de silêncio crítico perturbador, que anseia recolocar-se em movimento a partir e para o outro. O percurso também é utilizado pelo professor na construção das relações de conhecimento do aluno, como podemos observar nas séries iniciais do ensino fundamental. Nestas séries são elaboradas as noções de reconhecimento macro das estrutura sociais, geográficas e históricas a partir de pequenas células de pertencimento definidas pelas relações que o aluno estabelece em sua convivência diária, seja as físicas estabelecidas com o seu bairro e entorno, como as afetivas e sociais elaboradas em seu âmbito doméstico/familiar e social.

As ***Fronteiras*** entre o artista e o arte-educador, entre o professor e o aluno, entre a produção artística e o perceptor, entre o livro e o leitor, entre a Arte Pública e o sistema de Museus e Galerias, entre as editoras e a produção de livros independentes constroem, por vezes, barreiras intransponíveis em detrimento das físicas, que hoje se atenuam entre os países latino americanos, entre outros. Reconhecer-se com o agente atuante dentro dos percursos de formação e percepção é tão importante para o aluno/perceptor como é para o professor/artista reconhecer-se como observador e aprendiz. Atualmente as fronteiras se estabelecem durante a ação de olhar e ser observado, de pertencer e ser excluído de uma realidade vivenciada e desejada.

Uma produção artística é conceituada e construída de questionamentos submersos à subjetividade e às verdades relativas do artista. Nos trabalhos artísticos elaborados pelos ***coletivos***, sejam eles formados por outros artistas, pelo público em geral ou por alunos do ensino fundamental e médio, a verdade, os conceitos e seus questionamentos serão coletivos e devem potencializar as possibilidades plásticas, conceituais e artísticas dos grupos considerados. Além de considerar as questões plásticas e físicas dos materiais e espaços requeridos e disponibilizados para a oficina, o artista/arte educador deve também explorar e discutir com o grupo os locais e modos de exposição possíveis, de forma a simultaneamente potencializar as noções de pertencimento coletivo e individual presentes durante o processo criativo/produtivo.

Metodologia



A cópia em gesso da parte frontal dos pés dos alunos/participantes possibilita uma relação de estranhamento e pertencimento quando inseridas no contexto do olhar urbano. Diferentemente da planta do pé que se percebe enquanto uma unidade que atua por sobreposição ao caminho, o meio-pé projeta-se para fora dos elementos físicos que delimitam o percurso do olhar e provoca uma reflexão poética do corpo ausente para dentro da materialidade das guias, muros, calçadas, postes, árvores entre outros elementos que constituem os percursos urbanos e rurais.

Inicialmente a percepção real destas pequenas intervenções ocorrerá nas dependências e nas proximidades do 5°CBEU quando da realização da oficina. Em um segundo momento, “por onde andas?” terá sua ação continuada por parte dos alunos/participantes que encaminharão posteriormente imagens de suas intervenções urbanas, realizadas em suas cidades natais, para o endereço eletrônico porondeandas@ufrgs.br, informando seu nome, endereço completo da intervenção e identificação de seu grupo de trabalho, se houver. As imagens e as informações serão inseridas em mapa virtual disponível na internet, atualizado a cada 10 dias, que se utiliza de um Google map, intitulado [porondeandas](#).

Sendo parte ativa no processo de produção e difusão artística, os alunos/participantes, em posse do guia passo a passo da oficina, poderão atuar em outros grupos organizados de forma a ampliar a ação no âmbito regional, nacional e inclusive nos países da América do Sul. Não mais somente alunos/participantes mas agentes multiplicadores do “Por onde andas?” e de seus conceitos de Pertencimento, Percurso, Fronteiras e Coletivo. A seguir guia passo a passo da oficina:

Lista de Material Individual - 3kg de argila, 500ml de água, 1kg de gesso, 4 garrafas plásticas 500ml, rolo de macarrão e prego pontiagudo.

Lista de Material Coletivo - Jornal velho, papelão e/ou pano de chão; fita adesiva larga, baldes com água (para limpeza das mãos e materiais), panos, sacos plásticos, detergente, pincéis e corantes para látex, máquina digital com cabos de conexão e vaselina em pasta.

Procedimentos:



- 1) Divida a turma em duplas e distribua o material de uso individual;
- 2) Disponibilize o material de uso coletivo;
- 3) Forre o piso com papelão e jornal usado;
- 4) Com um rolo de macarrão abra duas placas de argila com cerca de 2cm e 4cm de espessura;
- 5) Passe vaselina em pasta em todo pé, na sola, no topo e entre os dedos;



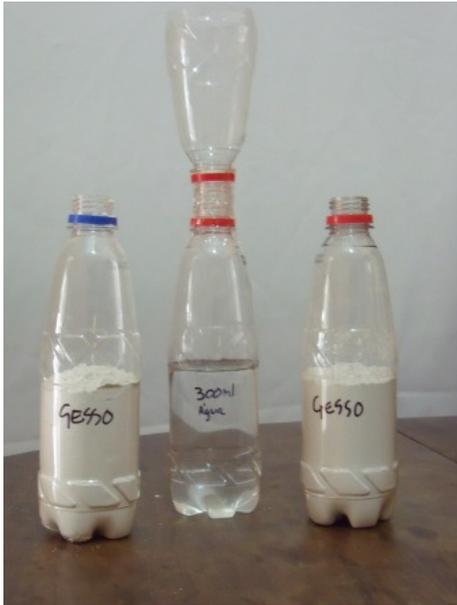
- 6) Prende a sola do pé contra a placa de argila mais grossa e com ambas as mãos, faça uma pressão lateral contra a argila para que o pé fique bem delimitado e afundado;



- 7) Coloque a placa mais fina sobre o topo do pé e afunde a argila com as pontas dos dedos das mãos. Faça uma pressão grande na região dos dedos do pé;



- 8) Com muito cuidado, retire o pé da argila puxando-o para trás. Se necessário levante o calcanhar somente um pouquinho;
- 9) Com o auxílio de um garfo sele as duas placas. CUIDADO PARA NÃO ATINGIR O ESPAÇO EM QUE SE ENCONTRAVA O PÉ;



10) Corte uma garrafa plástica de 500ml com uma tesoura e junte-a a outra com uma fita adesiva de modo a formar um funil;

11) Coloque 300 ml de água dentro da garrafa; *se desejar tinja a água com pó xadrez;*

12) Despeje 600 ml de gesso dentro da água;

13) Tampe a garrafa e misture bem o gesso;



14) Quando o gesso começar a ficar viscoso como um mel, utilize um pincel redondo para aplicar uma camada grossa de gesso no interior da forma de argila;

15) Em seguida preencha a forma com o gesso;



16) Espere o gesso solidificar e esquentar;

17) Utilize um prego para escrever seu nome e data na parte “cortada” do pé de gesso;



18) Abra a argila e limpe o pé de gesso;

19) De acabamento com gesso líquido ou tinta látex;



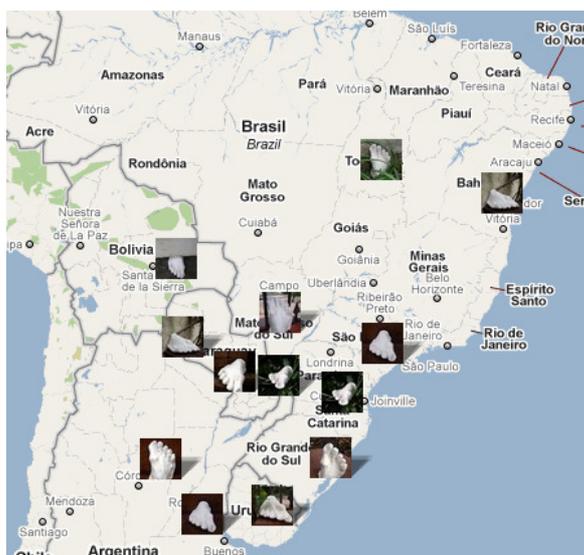
23/06/2011 - Av. Múcio Teixeira 1510, Porto Alegre, RS, Brasil - Nadmea Carvalho - 54 anos – Monitora da Oficina “Por onde andas?” - Licenciatura em Artes, Instituto de Artes – UFRGS.

20) Faça primeiro uma intervenção artística posicionando seu meio-pé no espaço da escola. Fotografe e encaminhe a imagem para porondeandas@ufrgs.br indicando a data e o endereço de sua intervenção artística (rua, número, cidade, estado e país), seu nome, idade, série, turma e nome de sua escola ou grupo de trabalho;

21) Com ajuda de seus amigos, familiares e professores, realize intervenções artísticas em sua cidade e encaminhe as imagens conforme o item 20.

22) Após 10 dias acompanhe na internet o registro de sua e outras intervenções no link do mapa [porondeandas?](#)⁵

Comentários Finais



“Por onde andas?: Fronteiras do olhar” se inicializa durante o 5º CBEU com desdobramentos e ampliações futuras por meios da reverberação da proposta em outros alunos e grupos organizados, seja de forma independente e autônoma como pela realização de outras oficinas por parte desta equipe e de qualquer grupo interessado, que sua metodologia. Este procedimento possibilita sua ação continuada e uma abrangência em todo o território nacional, multiplicando e ampliando o mapa das intervenções artísticas para todas as cidades natis dos participantes da oficina. Pertencimento, Percurso, Fronteiras e

Coletivos, permeados de olhares dentro e fora dos caminhos diários percorridos e estabelecidos pelos alunos de uma oficina artística realizada inicialmente na cidade de Porto Alegre. Alunos/participantes agentes atuantes no caminho do outro, re-configurado por pequenas intervenções artísticas estabelecidas pelo posicionamento de cópias em gesso de seus pés expostos e contrapostos à materialidade física de seus percursos do ir e vir, entre a casa e a escola, entre a fronteira de nossos olhares.

Referências

CAMARGO, Carlos A. N., **Virturbanos: encontros poéticos em percursos virtuais**. In: Anais do Seminário Nacional de Arte e Educação Vol. 11, n. 11. Montenegro –RS: Fundarte, 2010, p. 354-358.

⁵<https://picasaweb.google.com/lh/albumMap?uname=100095815209584215749&aid=562109626564989692&authkey=Gv1sRgCJuxxuTordTMVw#map>

